

# Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores: BERTHOLDO KLINGER, PANTALEÃO PESSOA e EUGLYDES FIGUEIREDO

N.º 79

Rio de Janeiro, 10 de Fevereiro de 1920

Anno VII

## PARTE EDITORIAL

7 de Setembro de 1922.  
No Exercito.

O quadriénio governamental vigente passará o centenário da nossa independencia.

O Congresso já começou a estudar o grande programma que definirá a exposição sumaria do que fizemos nesse primeiro século da vida nacional e o Governo estará, certamente, preocupado com esse exame a que o Brazil vai ser submetido.

As condições relativamente felizes que nos destacam entre as nações, o interesse que, gradativamente, vamos despertando como campo próprio a empreendimentos diversos, a propaganda que a necessidade de alguns productos nossos tem feito no exterior e as attitudes que temos assumido face dos grandes problemas que, ultimamente, sacudiram a humanidade inteira, aguado o desejo de nos conhecer, de examinar amente a nossa capacidade através da nossação, dos nossos costumes, da variedade dos que formam o nosso povo, da nossa ria agrícola e industrial e do grão de assisão que evidenciamos em determinados os.

Nenhuma occasião poderia apresentar-se mais fia e comoda para um exame assim amplo, aquella em que nos concentraremos para dar demonstrações abrangendo todo o nosso ho, aquillo que já exploramos e o que podemos explorar, a comparação entre o produziamos e o que produzimos, as nos- etras, a nossa estatística, as nossas festas nacionais ou nacionalizadas e um sem numero outros factos que aos olhos do político, do erciante, do critico, do industrialista, do ologo, dizem muito, dizem syntheticamente,

formam um completo depoimento sobre o que somos e o que valemos.

Entre todas as demonstrações ha uma que influirá extraordinariamente sobre as outras, que segundo theorias recentemente confirmadas, definirá precisamente a respeitabilidade dos proprietarios destas vastas terras e lhes grangeará a imprescindível confiança para os empreendimentos cubiçados. Não é um elemento capaz de, por si, isoladamente, significar o valor de uma nação moderna, mas é uma instituição que se faz de muitas outras, e especialmente de uma das suas componentes, constitue-se posteriormente em grande defensora e realisa a sua sancção.

O elemento que se faz da ordem, da justiça, da industria, das comunicações, da riqueza, da intelligencia e virilidade da raça, da igualdade de sentimentos, etc., é a *força*. A principal componente da força e que na força encontra sua sancção e aumenta toda a sua magnificencia é a *justiça*. **Justiça e força** definem perfeitamente um povo e, à vista dos seus recursos naturaes, justificam previsões completas sobre o seu futuro.

A nossa justiça escripta reune quasi todas as bellezas que se tem formado e firmado na ordem moral. As nossas Leis, os nossos Códigos, a nossa liberrima Constituição, os direitos excepcionaes de que usam os dignatarios da nossa justiça, não se furtarão a qualquer exame; elles são visíveis e palpaveis em qualquer dia e hora.

Si a pratica corresponde exactamente ao que está decretado, dil-o-ão a vontade dos nossos homens de governo e o instrumento indispensavel para que essa vontade persista através de todas as dificuldades — a *força*.

Sem o desejo de dar prioridade à *força* nas demonstrações que pretendamos realizar, pensamos que é necessário aproveitar a oportunidade para reafirmar os nossos puros sentimentos de fraternidade, fazendo sentir, porém, que si formos levados a abandonar esse terreno, a vontade dos nossos homens de governo,

dos representantes desses 30 milhões de brasileiros, se fará sentir através do unico instrumento com que se tem podido firmar o predominio da moral e o imperio da civilisacão.

Precisamos que em 1922 o poder militar e naval do Brazil se apresente respeitavel, se manifeste real e util, se traduza praticamente em tropa prompta, navios accesos, commandos organizados, estados-maiores capazes, material depositado, meios de transporte, bases navaes, quartéis, reservas, arsenaes, etc., etc.

Tudo isso parece muito para ser realizado em tão pouco tempo, mas tudo isso, talvez, seja muito pouco diante de um homem de resolução e vontade, guardadas as proporções razoaveis, consideradas as difficiles etapas que já vencemos.

\* \* \*

Quanto ao Exercito, é indispensavel que o Estado-Maior, depois de informado das idéas e intenções do Governo, estabeleça o plano geral a ser executado nos dois annos e sete mezes que nos separam da época indicada para as demonstrações.

Como é natural, esse plano abrangerá especialmente o que é indispensavel fazer para a preparação e instrucção das tropas a serem apresentadas; o mais competirá ás autoridades administrativas e, como se trata de necessidades permanentes, já vem sendo objecto de cogitações desde longa data, podendo-se destacar os propositos manifestados pelo actual Presidente da Republica desde os primeiros dias do seu Governo.

Partes ha do problema que independem de recursos especiaes e que só podem ser executadas com tempo e trabalho.

Um dos passos que precisa ser dado imediatamente é a preparação de um numero regular de *officiaes de reserva*. Seria conveniente que em 1922 nós pudéssemos contar com 1.500 *officiaes combatentes* para a reserva de 1.ª linha, 1.000 *officiaes* para o corpo de saúde da reserva de 1.ª linha, e 1.000 *officiaes* de 2.ª linha, com as provas de idoneidade regulamentares, provenientes ou não da antiga Guarda Nacional.

Os numeros podem parecer fortes, mas são necessarios e realisaveis.

Para o corpo de saúde o problema depende só do patriotismo dos nossos medicos e pharmaceuticos, chamados a aceitarem patentes gratuitas, desde que estejam dentro de um certo limite de idade e se sujeitem a pequenas provas de idoneidade.

Quanto aos veterinarios, o problema é mais difficult pela pouca diffusão desse ensino, cabendo portanto recrutal-os entre todos os diplomados,

ao mesmo tempo que incentivar a sua preparação, fazendo-lhes concessões e auxiliando as escolas já fundadas, com recursos para poderem diminuir as taxas de matricula.

Quanto aos combatentes, é preciso que o Governo facilite o ensino dos conhecimentos theoricos exigíveis, em todos os centros onde ha elementos estudosos, especialmente nas academias e proporcione aos candidatos, de que se precisem numero excepcional, uma incorporação tambem excepcional, durante as férias dos estudantes, com uma instrucção pratica intensiva, bem dirigida e aproveitavel, levando em conta a incorporação a realizar-se um mez antes de Setembro de 1922.

Agindo no mesmo sentido em relação á segunda linha, se conseguirá muito.

Este problema dos *officiaes de reserva* o que requer providencias mais urgentes e, a meditar sobre elles, certamente, as nossas autoridades reconhecerão como delles se têm esquecido e descuidado.

A distribuição do material existente, a compra de que nos falta, a preparação e escolha de locaes para uma concentração festiva, com muitas outras providencias, exigem tambem um estudo mais ou menos antecipado, pois, fóra das circunstancias prementes de uma mobilisação precisaremos empregar com mais cuidado os recursos existentes e pensar em obter com elle o maximo e o melhor. Neste ponto o problema se descentraliza e com a coordenação ministerial não haverá embaraços de maior importancia.

A seguir, é preciso estudar e determinar para 1922 um periodo excepcional de *instrucção*. Um grande voluntariado de seis mezes deve ser aberto em todas as praças militares, com inscrição antecipada para que a incorporação se dê precisamente em um determinado dia, facilitando-se assim a instrucção militar a todos os cidadãos que tiverem idades comprehendidas entre 21 e 28 annos.

Aos *officiaes* que tomarem parte activa em todo esse periodo de instrucção, apresentando bem as suas turmas, o Governo poderá conferir uma medalha commemorativa desse serviço excepcional.

Uma substituição das caderetas dos reservistas de 1.ª categoria deverá ser feita, bem como a locação dos de 2.ª na tropa, considerando a distribuição de uns e outros de accord com os novos numeros e paradas das unidades; e um ensaio de mobilisação será preparado para as quatro primeiras Divisões do Exercito.

O efectivo do Exercito para 1922 deve ser fixado em 60.000 homens (inclusive os voluntarios de seis mezes, incorporaveis em 1.

Março, o que faz prevê que a verba votada poderá ser para 50.000 apenas), podendo Governo chamar para um período excepcional instrução durante 40 dias, 50.000 reservistas de 1.ª linha e 17.000 de 2.ª linha. Esses números não são exagerados; antes de qualquer conjectura a seu respeito, convém pensar na quena duração do serviço excepcional para o qual serão chamados os homens que devem estar armas em 7 de Setembro de 1922 e recitar que, com tudo isso, a força permanente Exército no anno que nos occupa, pouco poderá de 40.000 homens.

\*  
\* \*

As demonstrações militares do Centenário estarão de paradas feitas após o período excepcional de instrução; delas destacar-se-ão realizaveis no Rio, em S. Paulo e no Rio Grande do Sul, nas sédes das respectivas Brigadas. Todas as outras forças que ficarem nas respectivas sédes, farão sua parada especial em público, formando com toda a impenitência que possuirem e com todas as outras forças auxiliares ou de 2.ª linha. Excepção feita a tropa que formar no Rio, todas as outras apresentarão em uniforme de campanha e paradas. No Rio o uniforme também será de campanha, mas modificado pela adaptação de cores vivas, variaveis com as armas; equipamento não será dispensado.

As paradas de S. Paulo, as de Brigada do Rio e as das praças militares, serão realizadas dez horas do dia 7 de Setembro; a de Paulo, 2.ª Divisão do Exército, uma Brigada de 2.ª linha e Forças Auxiliares do Estado, fará, em seguida, um desfile perante o monumento da Independência.

A parada do Rio se efectuará em outro dia, acordo com os demais festejos projectados, mas todas as outras, servirá de coroamento a grandes exercícios.

No Rio dar-se-á a concentração das 1.ª e 2.ª Divisões do Exército e uma Brigada de 2.ª, mobilizadas. A elas se reunirá ainda, uma unidade composta de forças auxiliares dos Estados, sendo representados, Rio, S. Paulo, Minas e Rio Grande do Sul, por um Batalhão com efectivo de guerra e os demais, com companhias, em de grande efectivo. Ao todo devemos apresentar em forma, como tropa instruída:

no Rio:

Linha	42.000
Linha	6.500
Auxiliar	8.200
Total	56.700

#### Em S. Paulo:

1.ª Linha	21.000
2.ª Linha	6.500
F. Auxiliar	8.000
Total	35.500

#### No Rio Grande do Sul:

1.ª Linha	28.500
2.ª Linha	1.000
F. Auxiliar	2.000
Total	31.500

#### e noutras Estados:

1.ª Linha	18.500
2.ª Linha	3.000
F. Auxiliar	5.300
Total	26.800

Sejam 150.500 homens, isto é,  $1\frac{1}{2}\%$  da nossa população.

No Rio teremos o bello espectáculo de uma força de 56.700 homens e em S. Paulo veremos desfilar 35.500.

Estas duas grandes forças, completadas por esquadrias de aviões organizadas segundo plano já aprovado, devem dar a impressão do que, para o futuro, poderemos fazer pela nossa independência.

E a despesa com esse ensaio de mobilização será tal que aconselhe recuar deante de tão bella experiência? Vejamos:

Soldo para praças	1.072: 000\$000
Vencimentos para officiaes convocados	2.500: 000\$000
Etapas	5.360: 000\$000
Fardamento	4.355: 000\$000
Remonta excepcional	3.000: 000\$000
Transportes	1.000: 000\$000
Instalações e extraordinarios	1.713: 000\$000
Total	19.000: 000\$000

importância que não pôde ser regateada deante do alcance moral dessa demonstração da nossa eficiência militar e deante dos grandes ensinamentos que colheremos com as dificuldades a remover, quer no que diz respeito ao comando desses efectivos que nunca vimos, quer em relação à sua administração e ao numero de homens que passarão imediatamente para a reserva. O simples exame do contingente educado demonstrará que um anno militar assim vivido vale por tres annos communs, e como o augmento de despesa não atinge a 20% dos orçamentos adoptados, segue-se que só haverá vantagem e economia em tal demonstração militar.

Passado o centenário da nossa independência,

saberemos que o Brasil será capaz de reunir alguns milhares de homens commandados e armados, e, especialmente, nós militares, saberemos como chamal-os, como reunil-os, como faral-os, como armal-os, como alimental-os e através de alguns exercícios em conjunto, bem possíveis dentro dos 40 dias, adquiriremos um juizo melhor da sua applicação tactica.

Esta prova militar é bem modesta e talvez já encontre no espirito dos chefes e do governo um projecto mais grandioso. Si isso se dér, crescerá o nosso contentamento, mas, no caso contrario, desejamos bastante que constitua um limite minimo das nossas demonstrações militares o que ora lembramos, dentro do programma d'A Defeza Nacional.

## A missão militar franceza no Brazil

Desde o dia 30 de Janeiro está completa entre nós «a missão», facto que torna imminente a sua entrada em accão, no terreno das realizações, e que levou ao auge a esfusida de boatos, opiniões, receios, esperanças e conjecturas sobre a natureza dessa accão.

Felizmente a palavra do eminente chefe da missão, a menos que se queira pôr em dúvida sua sinceridade, veio pôr uma ponca de agua fria nessa fervura e — o que mais deve fazer reflectir — dar uma lição de mestre aos empavonados «profeiteurs de la mission», por offício «mais realistas que o rei».

Elles, porém, hão de fazer ouvidos de mercador: constituem o maior perigo para o espirito nacional intelligent e o maior risco de dificuldades e dissabores tambem para a propria missão, ou porque tentarão incansaveis atrahlá para um partidarismo ilícito, ou porque todo o seu talhe lhes revela o feitio de abyssinios de amanhã, quando o Sol pender para o occaso, como é inevitável, pois que o velho deus Chronos não larga a manivella do seu globo...

Na intenção declarada de canalizar um pouco da dita agua fria para os recantos provincianos transcrevemos um trecho de uma entrevista que o exm.<sup>o</sup> Sr. General Gamelin concedeu ao «O Imparcial» (31. 1), e precedomal-a de uma noticia que o mesmo orgão déra dois dias antes.

### A Missão estrangeira de instrucção militar.

«Está na terra a missão de officiaes francezes contratada pelo nosso governo para instrucção do Exercito.

Ninguem sabe porque o contrato tem sido conservado sob sigillo... Em todo caso o que tem transpirado é que o chefe da missão será assistente do nosso chefe do Estado Maior do Exercito e que o campo de accão dos instructores francezes se fará sentir em diversas escolas, que serão frequentadas por nossa oficialidade.

Esta versão exclue, assim a hypothese de uma accão mais dilatada e mais directa da missão

sobre a nossa tropa. Aliás bastava reflectir um pouco para verificar logo que o ultimo processo não poderia ser applicado com efficacia, porque permittiria a interferencia directa dos officiaes estrangeiros em nossos quadros de instructores, officiaes e praças graduadas, o que além de ser contrario ao espirito do acto do Congresso que criou a missão, poderia dar lugar a mal entendidos e dificuldades de toda ordem.

O caminho escolhido é o mais intelligent e conduzirá suave e seguramente ao aperfeiçoamento desejado.

A primeira turma de officiaes que sahir preparada das mãos da missão, terá que ir para a tropa; não lhe succederá como aos que mandavamos á Alemanha, dos quaes, de volta, si uma parte minima se recolhia aos nossos corpos, ou por culpa do governo que não tinha o plano de os aproveitar, ou por culpa delle mesmos, que manobravam para não ir á caserna, de acordo, aliás, com a justiça da época. Por isto é que não estamos hoje mais adiados.

Os nossos regulamentos certo não darão também dôr de cabeça aos francezes. Não seria razoavel que quisessemos ser mais realistas que o rei, e com a simples noticia de que a missão chegou ao Rio pretendessem jogar n'água os nossos regulamentos para substitui-los pelos francezes, importados até na propria lingua, como chegou a ser sugerido.

O que o raciocínio desapaixonado, patriótico constata, é que dada a prevenção existente entre a França e a Alemanha, o corpo de regulamentos de uma não era secreto para a outra, e, em consequencia os principios da instrucção de ambas se equivaliam.

Agora uma questão: os nossos officiaes estodaram pelos regulamentos allemaes e lhes deram a preferencia, e dos militares brasileiros oposicionistas desses regulamentos não chegam meia duzia os que conhecem os regulamentos francezes. Os outros... não são propriamente partidários de outros regulamentos, como os francezes. Não; o partido que de facto abraça é o do... «qual! regulamentos, qual nada!»

Nessas condições, poderemos revogar de sôpôr tanto os que temos, para substitui-los «d'emblê» pelos que vieram na bagagem de porão dos instructores francezes? E' de admittir que esses novos regulamentos possam ser logo interpretados e applicados pela totalidade de nossos officiaes? Nesse caso, forçoso seria concluir que a missão era desnecessaria...»

Eis um extracto da referida entrevista, publicada sob estes titulos e subtítulos suggestivos e synthéticos: «Os projectos da missão militar franceza. — Os actuaes regulamentos serão conservados. — A missão não veio desfazer, mas ampliar o que está feito — diz-nos o general Gamelin. —»

«— Antes de tudo — disse-nos S. Ex. — pretendemos cuidar da organisação de escolas... Estou certo de que, dentro em pouco, poder-se-ão signalar os resultados dos cursos theoricos, e sobretudo, das lições praticas, que serão m...»

adas. Como sabe, escolhi e convidei para  
parte na missão **officiaes de com-  
pêndia reconhecida** nos círculos militares  
peus e da minha absoluta confiança... To-  
nos esforçaremos por bem servir ao paiz  
e, zelando fambém pelo renome da escola  
ar francesa.

ar francesa.  
interrogámos S. Ex. sobre se, na reorganisa-  
projectada, seriam postos á margem to-  
dos regulamentos do nosso Exercito, que são  
tações dos allemaes.

Não viemos desfazer o que está feito —  
— deu-nos o general Gamelin. **Procurá-**  
**mos conservar tudo quanto ha de**  
**—, ampliando, conforme for neces-**  
**—. Demais, nem todos os regula-**  
**—tos do Exercito brasileiro são cō-**  
**—dos do alemão. E mesmo que o fos- —**  
—, isso não vinha ao caso. E' uma questão  
— detalhe que não tem grande importância.  
— com a «verve» peculiar ao seu povo, acre-  
— tou que, na guerra moderna, pouco influia  
— o soldado trouxesse a arma ao hombro  
— ou ao esquerdo. E rematou:

A instrução que ministraremos será relativa a problemas de maior relevância, apreendidos durante a guerra. Havemos de ensinar que a prática nos revelou nos campos de batalha. Deter-nos-emos, principalmente nas lições de tática. Por outro lado, é bom frizar que devemos o cuidado de respeitar as tradições, de alterar os hábitos dos militares brasileiros. Não é outra a nossa norma de conduta.

Commentando esta entrevista, disse o «Jornal do Brasil» de 1. 2. :

Estão ahi expressões de um alto valor moral e profissional. Na arte da guerra ha uma constante imutável — a doutrina. Se o que existem de regulamentos brasileiros, oriundos do antigo, é doutrina, é cousa applicavel, que não deve ser destruida pela experientia da grande guerra, a ha que modificar.

— não poderia falar de outro modo o Sr. Georges Gamelin.  
O pensador que elle é, revelado em suas quase cinquenta conferências — syntheses, preferidas no Club —, apesar de sua visão militar, não teria a estreiteza de vistos, que o levaria a tal passo, se não fosse a tudo transformar, embora sem necessidade, para apagar vestígios de regulamentos antigos.

ver nota regulamentos militares à pag. 252

## **litares e funcionarios**

A Lei de 16 de Janeiro de 1920, reguladora das licenças dos funcionários públicos, provocou objecções da imprensa e, em intermedio d'esta, tornou-se objecto de cogitações dos militares, a princípio hesitantes em não acreditar que suas disposições attingissem aos officiaes do Exercito. Sua leitura attenta e mesmo na solução de consulta já publicada, esclareceram todas as duvidas.

A Lei realizou uma incursão anarquista nos arraiaes militares e das suas intenções, no que se refere ao Exército, não se presente nem o desejo de corrigir qualquer erro nem a necessidade de regular matéria nova. Talvez se pretenda ter dado um grande passo de moral republicana, mas o que se constata é uma equiparação injusta e insustentável.

N'essa matéria de equiparação soffremos de um impeto doentio, temos idéas originalíssimas que certamente se destruirão em apuros e difficuldades politicas, que não desejáramos mas que não podem deixar de surgir ameaçadoras, armadas da ignorancia, da licença, da indicação e do estímulo com que entendemos cortear a massa ignara, exactamente a dos que carecem de educação, orientação sincera, para a felicidade collectiva.

Entretanto os grandes principios republicanos continuam á margem.

A verdadeira equidade, os interesses do povo, os seus direitos políticos, a justiça, a responsabilidade e a fraternidade que se consolida na observância desses princípios anteriores, minguam, degeneram, agonizam sob a faustosa capa de uma demagogia traidora e oportunista.

Não se supponha que atacamos a igualdade perante a lei. Não, nunca. É exactamente isso que precisamos realizar e fiscalisado minuciosamente; mas a igualdade se faz de condições e circunstâncias diversas, de deveres e regalias compensados, e existe em princípio para o julgamento de todos.

## Igualdade não é nivellamento

A nós que tanto pugnamos para que o Exército seja a nação armada, que tanto desejamos que o povo cuide das suas instituições militares e que nos orgulhamos de pertencer a uma classe feita de todas as camadas honestas da sociedade, não se pode atribuir um desejo de preponderância.

O que não podemos applaudir é a mistura de cousas differentes, diversamente destinadas e de exigencias diversas, mas indispensaveis aos seus fins.

Si quizerem reunir sob principios iguaes, foguistas da marinha mercante, advogados do fôro da capital, caixeiros de botequim e conductores de vehiculos, só conseguirão realizar uma lei cheia de humorismo. Entretanto, em todos esses grupos haverá, com certeza, elementos igualmente dignos.

Desejavamos que se abandonasse de vez essa preocupação pueril e inadequada de evitar que um se suponha melhor do que outro, se assim lhe apraz, fóra da lei.

Official do Exercito ou da Armada e funcionario publico são cousas diversas; são e serão, quer queiram ou não queiram. Em definição, o official do Exercito ou da Armada será funcionario, empregado, trabalhador ou qualquer outra cousa, — que se distingue dos funcionários, dos trabalhadores, dos operarios, etc., tomados estes termos como designadores de classes, por estarem sujeitos a leis especiaes, leis que são consequentes ás diferenças profissionaes, exigencias moraes e materiaes diversas.

Sob o ponto de vista moral poderíamos reunir algumas classes; os médicos, os militares, os machinistas de estrada de ferro, os aviadores, etc.; mas as exigencias diferentes para o exercicio de cada profissão e o pouco interesse que um tal grupamento desperta, afastam essa preocupação.

A diferença que nos occupa e que não discutimos si é para melhor ou para peor, está firmada na nossa legislação, discutida, esmiuçada, e vem resistindo a diversos regimens, mais ou menos democraticos.

Como firmou o Egregio Supremo Tribunal Federal em accordam de 1907, «a qualificação *funcionarios publicos*, empregada tambem no dispositivo constitucional, não abrange os militares, como é corrente em direito administrativo» e essa diferença foi objecto de largo estudo na Constituinte.

Depois, é o interesse do paiz que está em jogo.

O caso, por exemplo, da perda total dos vencimentos após 24 mezes de licença para tratamento de saude, desenvolverá bastante o instinto de conservação e fará o official pensar quatro vezes antes de cumprir o seu dever n'uma emergencia decisiva.

E os sargentos, e os graduados, e os soldados, a que serão equiparados? A empregados publicos?

Si as diferenças dependerem só de ter alguma responsabilidade...

E' verdade que a cegueira de interesses faz adeptos para a confusão, pelo bem que podem usufruir, assim como é doloroso relembrar que um ministro da guerra, general do Exercito, baixou um aviso revogando a citada opinião do Su-

premo Tribunal, isto é, estabelecendo que os officiaes eram funcionários publicos...

Esses casos, é preferivel deixal-os entregues ao julgamento do tempo.

Commandante de corpo e chefe de repartição — lepra, tuberculose, molestia contagiosa ou ferimento e molestia adquirida em serviço — ordenado e soldo — aposentadoria e reforma — são cousas tão distintas como *funcionarios publicos* e *officiaes do Exercito e da Armada*.

Não é só a nossa opinião, é o juiz dos que oficialmente são competentes.

Commandante de Regimento que transmite sua vontade a 3.000 homens conscientes e fal-los arriscar a vida, differe um pouco de chefe de repartição; confundir sarna com ferimento em combate para efeito de assistencia pelo Estado é pouco justo; retribuir igualmente risco de vida e inamovibilidade commoda é iniquo.

Positivamente, a lei de licenças não satisfaz e deve ser revogada por interesse do paiz.

## A propósito da cauda

De certo, o problema da formação do nosso corpo de officiaes não está resolvido ainda, nem na sua fonte primordial — a Escola Militar, nem no sistema de promoções — a garantia permanente de sua efficiencia.

E' justo, porém, se reconheça que vamos progressivamente melhorando idéas a respeito e que salvo pequenas e extemporâneas intervenções do Congresso, em artigos de regulamentos e em detalhes de mera administração, o Exercito tem encontrado presentemente o maior desvelo nos altos poderes, animados a enfrentarem com coragem e decisão matéria de tanta relevância.

Respeito às promoções, ficou o governo autorizado pelo art. 10 da lei de fixação de forças a nomear uma commissão para elaborar um projecto que deverá servir de base á deliberação definitiva do Congresso.

E pelo art. 12 procurou sanar o Legislativo uma das maiores incongruencias da lei actual embora, segundo opinião que corre, a medida proposta seja outra incongruência, sob o aspecto jurídico.

Que principios defenderá a futura lei, não podemos prevêr, dado que preliminarmente não sabemos que criterio constituirá a commissão.

O assumpto, entretanto, tem sido bastante ventilado nas páginas desta revista, como em outra e é problema já bem estudado em paizes de organização semelhante á nossa, notadamente Republica Argentina.

Uma idéa parece dominante: é que promoção não deve significar *paga* de serviços prestados, mas o reconhecimento da aptidão do official a desempenhar a função do posto a que ascende.

Nem sempre, realmente, official cheio de ser-

os traduz uma personalidade á altura de sevar a posto superior, admittindo mesmo não a simples euphemismo tão digno título de orias.

semelhante criterio têm provado á saciedade tão erroneo e desastroso é, e acreditamos ter em geral presidido ás promoções inspiradas em justiça, porque, de facto, não possue governo outro meio para galardoar quem serviu valiosos por vezes não sómente se distinguiu como arrastou ao sacrificio a sua própria família.

Desto estudo certamente merece assumpto de tal magnitude para o nosso Exercito, por o que nessa falta de entusiasmo que ora se observa em seu seio, não pequena participação tem a ausencia de uma boa lei de acesso.

Mais do que outra qualquer carreira, a milícia exige da parte de seus membros uma permanente e intensa manifestação de esforços, ininterrupto estudo e renovado espirito combativo. Consagrando esses esforços, afastando o arbitrio e o aleatorio na escolha dos candidatos à promoção, parece-nos uma formula practica e conveniente.

Dens nos livre que se não reconheça a sua equitabilidade...

Para a Escola Militar, melhor foi a lei da despesa do que a de Fixação de Forças na intervenção e no desvirtuamento de alguns artigos regulamentares.

Não podemos, por exemplo, applaudir a medida concedendo dispensa do estagio de tres meses aos alunos do Collegio Pedro II e dos abecedamentos de ensino fiscalizados e equipados, não apenas por ser uma excepção aberta a estes institutos, cuja instrução militar em geral se avantaja á ministrada nos Tiros de terra.

O R. da Escola nessa exigencia, como na de tres meses, de que trata a alinea c) do art. 44, visa tanto o preparo do candidato na escola de soldado, como, principalmente, sujeitá-lo a provas que permitam aos officiaes influirem na eleição dos camaradas de amanhã, futuros chefe das novas gerações.

Por menos que esta disposição tenha provido de beneficio no seu primeiro anno de aplicação, relativamente aos estagiarios admitidos, por isso que não só alguns officiaes, como mesmo algumas unidades, não quizeram cometer-se do espirito que a ditou, é sabido que alguns pretendentes, esses ao emprego de oficial, não se dispuseram á prova de arremetimento e arriaram carreira logo de inicio. Também não merece aplausos a emenda concedendo uma 2.ª epoca de exames aos alunos reprovados em algumas matérias do primeiro, não propriamente pelo favor em si, pelas razões que o fundamentaram.

Se não foi intuito de seu autor, fazer apologia da ignorância — e certamente não o foi — não compreendemos procurasse um representante da nação amparar a sua emenda sob a allegação de que o R. da Escola era por demais exigente, quando em  $3\frac{1}{2}$  o grau minimo de aprovação, quando 3 era o limite inferior nas demais colas!

Como não ficaria assombrado esse respeitável membro do Congresso se para a conquista do posto de oficial se exigisse, como outr' ora, um curso de aprovações plenas e constituído de

materias que em complexidade muito se distanciam das que hoje são ministradas, embora pouco interessassem á profissão!...

Infelizmente, o ponto de vista em que ainda se collocam alguns congressistas, é por demais destoante das aspirações que constituem o sentido não apenas do Exercito, como de toda a Nação, pois é óbvio reconhecer que a formação do quadro de officiaes não é assumpto que interesse tão sómente ás classes armadas.

E' principalmente no atropelo das votações orçamentarias que mais propicio se torna o momento para a introdução de medidas que temem a luz do plenario. Essa da concessão dos exames de segunda epoca affeiçou-se tanto nos corredores do Senado aos casos desparelhos dos interessados que pouco faltou para que surgisse um monstrengão, digno filhote da lei nefanda dos exames por decreto.

O sentimentalismo dos representantes da Nação, porém, não é só prejudicial aos jovens que, mal sucedidos nos seus esforços, correm agora ao Monroe ou ao Conde dos Arcos numa atitude pouco digna, de pedientes.

Encontrando embaraços numa sua pretenção junto a uma dependencia do Ministerio da Guerra, teve um moço candidato esta phrase tão expontanea quanto caracteristica:

*«Dou-me com um senador, arranjarei então uma emenda...»*

Sem o querer, aquelle rebento tão altamente relacionado empanou toda a magestade do augusto cenáculo de seu illustre amigo.

Se de facto, porém, temos aspirações e se desejamos sinceramente pugnar pela dignidade da missão do oficial como pelo engrandecimento de nosso paiz, é preciso que abandonemos esse carácter sentimental e principal fonte de nossas transigencias.

Para a Escola Militar vivemos a reclamar elementos de escol. Não será, que o conseguiremos, á custa de caudas de orçamentos, nem com o querer transformá-la em sucursal de sociedade benficiante, para ahi collocar moços pobres arrimos de familia ou elles próprios sem arrimo na vida.

De preferencia tornemo-nos mais exigentes nas condições de matrícula. Seleccionados na tropa pelo criterioso juizo dos officiaes, apurados na Escola desde o exame vestibular, os futuros aspirantes, seja qual for a sua condição social, cada vez mais aumentarão as probabilidades de constituir um selecto corpo de officiaes.

E apellem os gynecologistas do Congresso para a superstição popular: animal que nasce pela cauda é estéril.

## Dilatação de quadros sem aumento de despesas

No «Díario Oficial» de 6 de Janeiro findo em que vem publicada a lei da despesa geral da Republica para 1920, lê-se á pag. 256 o seguinte:

«Corrigida na parte referente ao pessoal da Intendencia da Guerra, ficando o numero de 3.ºs officiaes de 12, em

vez de 9, sem aumento de despesa, em virtude do aproveitamento de addidos, etc.»

Eis ahi uma forma *sui generis* de acabar com os addidos, sem aumento de despesas!

O exercito durante muitos annos teve em excesso o que hoje lhe falta: — subalternos; a plétora de alferes nas diversas armas constituiu durante muitos annos um verdadeiro pesadelo para o governo da Republica que, a despeito do dispêndio de grandes sommas de energias cerebraes, só os viu desapparecer com o tempo, apezar de commoções intestinas, como a de Canudos, haverem produzido brechas formidaveis no seio do exercito.

Entretanto a formula — só agora descoberta — era facilima: bastava que o quadro de alferes tivesse soffrido uma dilatação de 400 para 1600 e picos, na infantaria bem entendido, e tudo ficaria normalisado, sem ruido, despesa ou prejuizo, em virtude do aproveitamento dos... excedentes — sem aumento de despesas.

Defrontamos assim com mais esta modalidade do já celebre ovo de Colombo!

E' admiravel!

Pensavamos ingenuamente que a transformação de despesas transitorias em permanentes importava em accrescimo de responsabilidades pecuniarias para o thesouro; suppunhamos que a despesa que o governo tinha com os empregados excedentes era em principio de caracter transitorio, embora essa transitoriedade se apresentasse ás vezes com o aspecto chronico da permanencia; certo, porém, chegaria o dia em que, por uma translação conveniente, as cousas entrariam nos eixos, como vulgarmente se diz.

Estavamos, porém, enganados: laboravamos em tamanho erro que penoso torna-se-nos confessal-o. D'aqui por diante imprimiremos meia volta ao pensamento para andarmos certos.

Sem embargo, felicitemo-nos com os addidos e com a nação inteira por ter sido encontrada na sessão legislativa de 1919 uma subita solução para o eterno problema dos excedentes, sem accrescimo de despesas para a Nação, bastando simplesmente que os quadros onde elles existirem sejam dilatados de maneira a abrange-los completamente.

Mas, enquanto isto não acontece, os senhores interessados tratem de adiantar

serviço, requerendo para que lhes se extensiva a applicação da formula que normalisou a situação dos 3 funcionários addidos da Intendencia da Guerra sem aumento de despesa, embora tivesse sido elevado de 9 para 12 o numero de 3 officiaes.

Não queremos absolutamente incriminar esses funcionários: a especie de engodo é que não tem cabimento. Parem-nos que a justificativa do acto era a apreciação devia ser encontrada na exigencia do serviço; na realidade esse lado da questão não foi abordado, naturalmente porque o argumento seguro é este: — **sem aumento de despesas!**.

Cap. *Paulo Bastos*.

## O que o Exercito pode ser para a Nação

A instrução do soldado, na Suissa, varia de 45 a 80 dias, segundo as armas; mas os homens da «élite» (exercito activo) são chamados de 2 em 2 annos, e isto durante 12 annos, a exercícios de repetição de 16 a 21 dias (os cavallarianos todos os annos, por 10 dias durante um periodo de 10 annos). Depois destes 12 annos os soldados suíssos passam outros 12 annos (14 na cavallaria) na landwehr (tropa de segunda linha), onde estão ainda sujeitos a periodos de exercícios de repetição de 5 dias (6 para a artilharia, engenharia), de 4 em 4 annos. A cavallaria não é convocada.

Os suíssos passam, em seguida, até a idade de 50 annos, na landsturm (guarda territorial), onde podem ser convocados todos os annos numa série de exercícios.

E' a organização actual. Ela suscitou, da parte dos proprios officiaes suíssos, numerosas críticas, que demonstraram a necessidade de reorganizar o exercito da Confederação. Em um projecto que deveria ser apresentado à legislatura helvetica, é exigido que a instrução dos recrutas seja ministrada durante 70 dias para a infantaria, e 90 para a cavallaria, com cursos de repetição annuais de 11 dias (14 para as tropas de fortaleza).

As praças promptas e os graduados só tomarão parte em 7 cursos de repetição, 8 na cavallaria; os inferiores em 10 cursos (art. 110). Estes, porém, bem como as praças promptas e os soldados da 1.ª linha e da landwehr, armados de fuzil e de mosquetão, e os officiaes subalternos destas categorias de tropas, serão obrigados a fazer todos os annos, em uma sociedade de tiro, os exercícios prescritos. Aquelles que não os fizerem, serão chamados a um curso de tiro especial, sem soldo (art. 111).

Assim, numerosas chamadas, exercícios de tiro nas sociedades subvencionadas pela Confederação, e bem assim exercícios nas outras instituições, tendo por fim o desenvolvimento das aptidões militares, e subvencionadas também pela Confederação (art. 116), permitirão manter e aperfeiçoar a instrução adquirida.

Na Hollanda, a duração do tempo de ser-

o activo é de  $8\frac{1}{2}$  ou de 4 meses nos corpos não montados, de 18 meses nos corpos montados. Mas durante um periodo que expira o fim do 8.º anno de serviço, os soldados enciosos indefinidamente estão submettidos a exercícios de repetição de uma duração total de 12 semanas, repartidas por tres periodos, maximum, nos corpos não montados, e dous periodos, no maximum, nos corpos montados. Passam, em seguida, 7 annos na landwehr, os milicianos, tendo terminado um periodo de primeira instrução normal, podem ser consignados a 2 periodos de exercícios de repetição de 6 dias.

Na Dinamarca os homens são incluidos durante 8 annos.

São submettidos:

1.º) A um periodo de instrução que varia nos limites seguintes: infantaria: 6 meses, excepcionalmente, 2 e 14 meses; cavallaria: 13 a 19 meses; artilharia: 9 e 3 meses; engenharia: 5 e 17 meses; artilharia de costa: 12, 4, 6 e 14 meses.

2.º) A dous exercícios de repetição, de 25 dias, na infantaria e cavallaria, e um exercicio de repetição de 25 dias, nas outras armas.

Passam, em seguida, 8 annos no «reforço».

Na Noruega, os homens são conscriptos durante 6 annos. Estão submettidos:

1.º) No 1.º anno:

A um periodo de instrução (escola de retas) de 48 dias na infantaria, artilharia de montanha, artilharia de costa, e tropas de saúde; 30 dias na cavallaria; 80 na artilharia de campanha; 60 na engenharia, e 18 no trem.

2.º) A um segundo periodo de instrução (escola de companhia), em todas as armas, excepto no 1.º anno, imediatamente seguinte à primeira, e de uma uniduração de 24 dias.

3.º) Nos 5 annos seguintes:

A exercícios de repetição de 24 dias (escola batalhão), na razão de dous periodos na infantaria e tropas de saúde, e de 3 periodos na cavallaria, engenharia e artilharia.

Passam, em seguida, 6 annos na landwehr, que são submettidos a um periodo de exercícios de repetição de 24 dias, excepto no trem. De seguida, são enviados para a landsturm (4 annos).

Na Suecia, os homens fazem parte do primeiro batalhão de bevärung, durante 8 annos.

A duração do serviço activo é de 8 meses para a infantaria, artilharia de posição, artilharia de engenharia de forte, e o trem, a saber: 150 dias (escola de recrutas) no primeiro anno, e 30 chamadas de 30 dias, nos 3 annos seguintes.

A duração do serviço é de 12 meses para a cavallaria, artilharia e engenharia de campanha, e os telegraphistas de campanha, a saber: 281 dias (escola de recrutas) no primeiro anno, e duas chamadas de 42 dias, nos dous annos seguintes.

Passam, em seguida, para 4 annos no segundo batalhão da bevärung, sem chamada.

É bom notar que uma lei militar que convém a um paiz, não convém necessariamente a outro. Considerações geographicas, topograficas, ethnographicas, politicas, economicas e outras, devem intervir na elaboração de uma lei que responde às necessidades de um paiz. As condições diferem de um paiz a outro, e, tanto, não se poderia dizer que o que é essencial e suficiente aqui, seja-o também.

Seria necessário um volume e não um capitulo sobre esta matéria. Nós nos contentamos de dizer que, si a Suíça pôde adoptar o serviço muito reduzido, é que tal lhe era permitido pelo facto (entre muitos outros) de que a configuração topographica de seu território torna-o eminentemente próprio a uma tática defensiva especial, mais individualista que colectiva, e que exige como qualidade profissional dominante, o aperfeiçoamento no tiro. Ora, o tiro é uma questão de honra na Suíça, e os soldados na idade de incorporação já são antigos atiradores, continuam sempre a exercitarem: o tiro é, para todos os habitantes, um sport particularmente amado e praticado, quer pelos velhos, quer pelos moços. Os suíços têm em alto grau o amor à Pátria e à Independência. São energicos e pacientes. Têm a força physique e a força moral. E, entretanto, os officiaes lastimam-se de que o aperfeiçoamento inicial seja mal feito, que as tropas não sejam suficientemente preparadas e treinadas, que não saibam servir-se do terreno, que não haja bastante comunhão entre o oficial e sua tropa, que se não tenha tempo de aprender o emprego da ferramenta.

A Holanda encontra-se também em condições muito especiaes no ponto de vista da tática de combate a adoptar.

Estas condições são muito diferentes daquelas em que se encontra a Suíça; mas uma situação geographica e topographica regular, a par de considerações de ordem politica, conduziram os hollandezes a organisarem-se, tendo em vista uma offensiva extrema, aquém dos cursos d'água grandemente fortificados, método de combate que exige um maior desenvolvimento das qualidades profissionaes do individuo, resultando terem menos cuidado e menos tempo para o desenvolvimento das qualidades colectivas.

O hollandez adora o seu paiz; é calmo, cheio de sangue-frio; tem todas as qualidades moraes que convém ao defensor de posições.

A Dinamarca não pode esperar, sinão uma guerra defensiva contra seu formidável vizinho do Sul. Só poderá seguir a tática observada em 1864: defender-se atraç das linhas tão potentemente fortificadas quanto possível, no gargo estreito que conduz ao coração do paiz. Não haverá ahi operações de campanha propriamente ditas, e o soldado dinamarquez possue tambem qualidades de ordem, de calma de sangue-frio, que são o apanagio das raças do Norte.

Os dous povos da Peninsula Scandinava só têm a temer, por terra, uma invasão da Rússia. Quando se lança um golpe de vista sobre a carta destes paizes, vê-se que a luta, unicamente defensiva, teria por theatro a região fortemente recortada do norte, protegida por montanhas e barrada por cursos d'água sucessivos, de communicações raras e difficéis.

A situação geographica da Holanda, da Dinamarca, da Suecia e da Noruega é tal, que estes paizes não embarcam de maneira alguma as operações de exercícios de dous paizes belligerantes vizinhos; nenhum tem interesse em passar por seu territorio.

A Holanda, por sua soberania absoluta, não está obrigada a declarar a guerra ao violador do Limburgo, em caso de ser atravessada esta

de seu territorio. Os exercitos destes paizes teriam adoptar uma tactica exclusivamente defensiva, em posições fortes, organizadas de um modo permanente. Era racional aproveitar esta circunstancia e proporcionar os meios ao fim jadado. Estes meios são sufficientes? Sómente a experiência decidirá. Mas, pôde-se dizer que os povos têm podido fazer o mesmo que os maiores povos europeus.

As de seu rochedo ou de sua muralha, o soldado deve ser, antes de tudo, um exercitado no atirador; para num momento cujo agravamento deverá conservar o maior tempo possível; si já tem profundamente arraigado em sua coragem o amor ao solo natal, o desejo de defender, a todo o transe; si já tem o carácter rude e tenaz que é peculiar aos povos das montanhas ou aos povos do Norte; si já tem a calma, o sangue-frio, o espírito de método e de método; si é instruído, sobrio, — é quasi bastante para ser atirador, tanto que saiba obedecer. A iniciativa não lhe precisa desenvolver, pouco terá a recorrer.

soldado proprio à guerra defensiva não pode ser tão «completo» como o soldado apto a zêr a «grande guerra», que comporta aliás as operações de campanha. Comprehende perfeitamente que as «tropas de fortaleza» distinguem-se das tropas de campanha e comprendem as mais velhas classes da milícia. As tropas destinadas exclusivamente à guerra defensiva, em posições potenteamente organizadas, são como as tropas de fortaleza: sua posição, seu tempo de serviço podem ser adaptados a este género de guerra.

Belgica é também um pequeno paiz, inserido, por estar encravado, como uma cunha, entre a Alemanha e a França, separados de sua parte pela Suissa, suas montanhas, suas fortificações; pelas fortificações francesas do Leste, reforçando as defesas suíssas, e pelos obstáculos acumulados sobre a linha Berlim—Paris, Nancy.

mpre se evidenciou o perigo que corria a Belgica por sua situação geographica. E, agora, a sua magestosa, incalculável, horrível Guerra Mundial, tivemos ocasião de lastimar a sorte tão infeliz quanto valoroso e forte paiz. A sua situação política especial impunha-lhe o dever de defender sua neutralidade, consentida por esta condição. Assim, o exercito belga era destinado a enfrentar um exercito invasor; era, portanto, o exercito belga proprio também à grande guerra. Sua organização não podia, portanto, ser exclusivamente defensiva.

emais, o paiz é plano, aberto; a Suissa tem suas montanhas; a Hollanda, seu sistema de canais d'água fortificadas, de extremidades apoiadas no mar; a Dinamarca, seu isthmo, a Suecia, seu isthmo, seus cursos d'água, suas montanhas. O exercito belga não tinha que sujeitarse a uma unica combinação, elle tinha a prever as que são possíveis, e estas são numerosas. Só nha elle os movimentos rápidos, os golpes decisivos, os deslocamentos subitos; espírito empenhedor e de audacia: todas as qualidades que permitem a rapidez. Napoleão, em 1814, coroado de exito devida unicamente à perfeição militar do nucleo de élite que combatiu sob suas ordens; pôde infligir ao inimigo perdas terríveis, choques que o desbar-

ravam, porque a força viva de seu exercito era extraordinaria, não pela grandeza da «massa», mas por sua velocidade enorme, resultante das qualidades militares dos soldados. Os belgas não faltavam também estas qualidades.

## 2.º Linha

De alguns annos a esta parte, o Governo cogita da organização das reservas do Exercito em caso de mobilização.

D'esse programma faz parte integrante o Decreto 13040 de 29 de Maio de 1918, creando a 2.ª linha com fins determinados, procurando assim o melhor possivel dotar o Exercito de tropa de ocupação e de serviços de retaguarda.

O recrutamento das praças simples e graduadas está perfeitamente garantido com os reservistas da 1.ª linha que ultrapassam a idade de 30 annos, tendendo assim a crescer o seu numero anualmente; no entanto, com a officialidade ha de verificar-se justamente o contrario, sendo o seu numero decrescente à medida que os annos se forem succedendo.

As fontes para o recrutamento dos officiaes são: os da antiga Guarda Nacional, os ex-sargentos do Exercito que tenham tido exemplar conducta na 1.ª linha e ainda os reservistas que como aquelles se submettam aos exames exigidos pelo referido Decreto.

A dos officiaes da Guarda Nacional, estará em curto espaço de tempo literalmente exgotada.

No primeiro anno de organização, n'esta Capital onde elles existem em maior numero, os candidatos não ultrapassaram uma centena e no anno findo em todo o paiz não lograram attingir esta cifra.

Tambem os ex-sargentos e reservistas não affluiram ás bancas examinadoras como era de esperar, pois as vantagens praticas que poderiam obter ficam por demais diminuidas com a perspectiva do enorme onus acarretado pelos uniformes.

Urge, pois, que se resolva o problema do recrutamento dos officiaes, já que possuimos as praças em tão grande numero, boa qualidade e efficiencia militar.

Parece não ser muito dificil conseguir tal desideratum com uma organização habil e pouco dispendiosa, já que não é possivel importar os aperfeiçoados processos das grandes potencias.

O Brazil possue esplaihadas por seu vasto territorio facultades e escolas supe-

es onde em cursos que variam entre 6 annos se formam bachareis, me-s, engenheiros e tantos outros profis-saes; assim sendo, não seria despre-  
1 adicionar a esses cursos uma  
cira militar principalmente pratica dis-  
tida equitativamente, e ministrada em  
s semanaes onde os jovens estudantes  
essem fazer jús a receber conjuncta-  
te com o seu titulo a patente de 2.º  
ente do Exercito de 2.ª linha.  
ria necessario tambem não esquecer  
specialidades.

engenheiros para a artilharia e a  
nharia; os pharmaceuticos e medicos  
o corpo de saude; os cursos kommer-  
forneceriam os intendentes e, assim  
nos em curto espaço de tempo num-  
officialidade da elite social.  
ui fica a idéia de um recruta.

- 920.

Cap. *Mario Leite de Carvalho.*

*Da R.* — Essa solução já foi por vezes  
da em repartição competente mas, como  
o, para formar, inicialmente, os officiaes  
erva de 1.ª linha. E' verdade, porém, que  
lomados das academias que não quizerem  
o estagio no Exercito de 1.ª linha e  
tisfizerem aos exames necessarios podem  
neados logo officiaes de 2.ª linha.  
qualquer modo o recrutamento dos offi-  
ce 2.ª linha ficaria bem attendido com  
veitamento dos academicos, pois, dado que  
ejam recrutados para a reserva de 1.ª  
ao attingirem certa idade deverão ser  
ridos para a 2.ª linha. E assim, fica  
tamente indicada a relação, a ligação en-  
recrutamento dos officiaes de reserva de  
na e os necessarios á 2.ª, realçando,  
ais a importancia e o interesse que deve  
ar o problema cuja melhor solução é,  
avelmente, a em que labora o Cap.

## **predispôr: premeditar.**

Premedite o commando. Não dê  
ordens antecipadas.

Do general von Freytag-Loringhoven.

(Trad. pelo cap. Klinger)

hum plano de operações alcança  
guma certeza adiante do primeiro  
o com a força principal inimiga»,  
sentença muito citada de Moltke  
seu estudo sobre estratégia, do  
e 1871.

ido que Napoleão affirmou jamais  
um plano de operações.

te diz no mesmo estudo que  
ra tudo é incerto desde o começo  
rações, afóra o que o commando

em chefe tenha em si mesmo de vontade  
e energia; e Clausewitz define a guerra  
como «o domínio da incerteza». Segundo  
elle «não ha nenhuma actividade humana que  
como a guerra esteja tão constantemente  
e tão amplamente em contacto com  
o acaso». Neste domínio «dos attritos  
tudo soffre pelo concurso de inumeras  
pequenas circumstancias, que no papel  
nunca podem ser devidamente levadas  
em conta, e não se alcança o objectivo»,  
tanto mais quanto «o chefe na guerra  
tem que entregar a obra de sua activi-  
dade á collaboração de um espaço que  
escapa ás suas vistas, que o mais vivo  
zelo nem sempre pôde dominar, e com  
o qual raramente elle toma perfeito co-  
nhecimento, em consequencia das constan-  
tes mudanças.»

De facto, todo chefe, ainda com o mais  
bem meditado plano estrategico ou tactico,  
age mais ou menos no domínio do incerto.  
Inumeros exemplos da historia militar,  
batalhas ganhas e perdidas, confirmam  
essa verdade. O golpe de vista de um Frederico  
logrou em muitos casos superar  
essa dificuldade, mas não lhe evitou as  
derrotas de Kolin e Kunersdorf. Napoleão  
estava batido em Marengo, não tivesse a  
intervenção de Desaix transmudado por  
fim a derrota em victoria. A dupla batalha  
de Iena e Anerstedt travou-se na mais  
completa incerteza. Eylan foi uma batalha  
indecisa, em todo caso para Napoleão  
uma victoria de Pyrrho.

Em Friedland um acaso propiciou-lhe  
a victoria e nos celebres dias de Regen-  
sburg elle se achava completamente na  
incerteza a respeito do inimigo. Identica-  
mente passaram-se as coisas em 1866 e  
1870/71.

Em Königgraetz havia duvidas no quartel  
general prussiano se ainda se encon-  
traria todo o exercito austriaco do norte  
na margem direita do Elba ou apenas  
uma parte. Em Spicheren a 14.º D. I.  
chocou-se com um inimigo em fortissima  
posição defensiva, quando o supunha em  
retirada, e em Vionville o III C. Ex.  
encontrou todo o exercito do Rheno e  
não apenas fracções retardadas do mesmo.  
A operação de Le-Mans fôra planejada  
pelo príncipe Frederico Carlos como um  
ataque concentrado, pelo afastamento das  
duas alas; ao em vez, foi preciso depois  
aliviar essas alas carregando fortemente  
no centro.

Em Liaoyan os japonezes venceram

porque seu exercito da ala direita tomára a iniciativa de um contornamento, lançada com a idéia de perseguição lateral na suposição errada de que os russos tivessem começado a retirada.

Sendo assim evidente que no elemento incerto, vario, da guerra toda disposição tomada antecipadamente falhará, surge ao mesmo tempo a duvida se não é tambem descabida na guerra qualquer premeditação. Esta duvida porém deve ser incondicionalmente recusada, pois os mesmos mestres que nos assignalam a incerteza que se apresenta aos planos na guerra, accentuam decididamente a necessidade de pensar adiantadamente, premeditar. Taes reflexões, bem applicadas, são o melhor preventivo contra a tomada inopportuna de disposições antecipadas, e facilitam, por já estarem mentalmente discutidas as diversas possibilidades, agir imediatamente com acerto no momento dado. Assim disse Napoleão: «É meu habito reflectir com tres ou quatro meses de antecedencia sobre as medidas que hei de tomar, e n'essa meditação conto com a peior hypothese».

Moltke accentua o contraste que vae entre as disposições para a primeira concentração do exercito e a execução das operações «onde se nos oppõe a vontade independente do adversario». E si o marechal affirma que não se podem preestabelecer com certeza até longe os caminhos pelos quaes o commando pretenda alcançar seus grandes objectivos, todavia elle prepõe a isso a necessidade de conservar o commando sempre em vista esses grandes objectivos, sem se deixar desviar pelas vicissitudes dos acontecimentos.

Tentar preestabelecer até longe os caminhos para alcançar o objectivo é pre-dispôr. Mas manter em vista o objectivo, sem embargo das vicissitudes dos acontecimentos só se consegue tendo logicamente premeditado sobre as possibilidades.

A antiga escola estratégica supplantada pela napoleonica tinha o vêso das predisposições. Os planos de operações das diversas coalisões contra a primeira república francesa e o imperio consideravam systematicamente inexistente a vontade livre do adversario e traçavam figurações que antecipavam os acontecimentos. Discute-se o processo a empregar para penetrar na França muito antes dos exercitos franceses serem expulsos da Alemanha e

da Italia. O archiduque Carlos planejou no começo da campanha de 1809 reunir em Altmühl, na Baviera, as suas tropas procedentes da Bohemia e do Inn, mas esquece a necessidade mais proxima de atacar e bafer o inimigo enquanto separado. O duque de Brunswick planejou em 1805 amplas manobras, cuja impressão acredita elle, forçará Napoleão a retirar-se para além do Rheno; entretanto a «grande armée» vitoriosa estava em pleno coração da Austria. Mesmo os planos de Schanhorst anteriores a 1806 mal se distinguem d'esse methodo de guerra vetusto.

Mas de nenhum modo desapareceu perigo de assim se proceder depois que surgiu Napoleão. O plano de operações projectado pelo archiduque Albrecht para o caso de uma acção conjunta dos exercitos frances e austriaco contra a Confederação da Alemanha do Norte, dirigido pela Prussia, dispunha sobre uma reunião dos dois exercitos na região de Nürnberg e d'ahi o avanço d'essa massa cerrada pelo Saale abaixo, como fez Napoleão em 1806. Esse objectivo é visado com uma certeza tal que exclui a possibilidade de qualquer perturbação do plano da entrada dos franceses no Sul da Alemanha para alguma acção no Rheno ou no Meio inferior.

Tambem os russos na Mandchuria se livraram de erros idênticos, pois recuou systematico de Kuropatkin com intenção de parar quando attingisse a superioridade absoluta, é um erro d'essa espécie; d'ahi resultou o cerceamento da acção dos subchefes e o não aproveitamento de momentos favoraveis que apareceram. E, mais tarde, n'uma memoria de 15. 1904, o general russo fala de passar depois á offensiva, expulsar totalmente o inimigo do continente e até efectuar o desembarque no Japão, o que lembra singularmente os projectos dos generais da coalisão contra a França, nos quaes estabelecia a distribuição da pelle do urso antes de estar este apanhado.

O traçado dos mais bem sucedidos planos de campanha de Napoleão, de 1805 e 1806, deixa abertas, como nos planos de Moltke, diversas possibilidades. A base estes grandes capitães sucedeve varias vezes que finalmente se apresentasse casos não previstos, seja em consequência de contratempos no proprio exercito, seja porque houvessem contado com respostas razoaveis do inimigo ao passo

ste de facto tomava as mais insensatas. O brilhante resultado obtido não obstante era todavia a consequencia das intenções claras, precisas e da execução convencida, condições estas que, sem embargo de todos os incidentes, se faziam sentir até as menores accções de combate.

Davout não vacillou em Regensburg, segundo o espirito do conjunto da situação, em atacar a força principal muito superior do archiduque Carlos, se bem que o imperador erroneamente a suposse em plena retirada.

Alvensleben escreveu sobre a crise de 6 de Agosto de 1870: «Como já no dia 5, novamente se me desenhou deante os olhos com toda a clareza a figura strategica da campanha, e a certeza de que a situação justificava que eu lanasse meu corpo de exercito... Eu sabia que para o effeito da retirada franceza era indiferente que esse objectivo fossetingido duas legoas mais adiante, ou mais atras e que além d'isso eu a cada asso á retaguarda ganharia em tempo e em forças o que o inimigo perdia.

Assim, examinado mais de perto, o lanamento não era demasiado ousado ou perigoso. Teria sido muito, muitissimo doloroso abandonar o campo de batalha o inimigo com os nossos feridos, mas isso não teria tido nenhuma influencia sobre o objecto da missão do dia... Não importava que Bazaine me batesse, diz Alvensleben «havia de custar-lhe vêr-se livre de mim. Caso eu não fosse secundado, eu retiraria sobre Verdum pela strada conquistada, e contava então que o X Corpo tomasse posição á minha direita, para cobrir minha retirada».

D'essas palavras de Alvensleben, que tereotypam a sua conducta n'aquelle dia memorável, se reconhece todo o valor a acertada premeditação. Graças a ella foi sanado o erro que resultará da opinião reconcebida no 2.º Exercito, em virtude a qual a massa d'esse exercito fôra posta em marcha contra o Maas; essa marcha equivalia a uma predisposição, por mais que fosse explicavel não se contar mais com a presença de grandes forças inimigas em Metz, e se quizesse então antes que tudo cortal-o no Maas.

Uma semelhante opinião preconcebida houve entre os aliados no inicio da campanha de 1813. Era crença geral de que em consequencia de haver a Austria dherido á coalisão e da resultante

ameaça para a base napoleonica do Elba, o imperador não pudesse manter-se por mais tempo na margem direita d'este rio. D'ahi resultou que o exercito da Silesia tomou predisposições. Na noite de 18 de Agosto os franceses abandonaram a linha mais avançada de seus estacionamentos no Katzbach para se concentrarem atras do Bober, reduzindo convenientemente os estacionamentos em que se haviam espraiado durante o armisticio. A' noticia da retirada do inimigo de Liegnitz e de Goldberg, sem cuidar de verificar se elle tambem havia retirado mais ao Sul, o quartel-general em Jauer baixou ao meio-dia de 18 uma ordem de perseguição, que apesar de só haver informações até ao Katzbach, tomava disposições que iam além do Bober, até ao Queis. Mesmo no caso de se confirmar a retirada do inimigo em toda a linha, taes predisposições encerravam grande perigo.

Tomar predisposições para diversos dias em relação a um inimigo não abalado e pretender a progressão uniforme das columnas prefixando-lhes as horas de partida, diárias, como ahi se fez, em logar de assignalar os objectivos de marcha diarios, é inadmissivel e larga de mão a direcção do conjunto. A ordem de perseguição foi destruída pelos acontecimentos no mesmo dia da emissão.

Gneisenau como os demais generaes dos aliados ainda não possuia então a pratica do commando de um grande exercito, necessariamente dividido para marchar e estacionar. As suas providencias do dia 18 deixam ver claramente os prejuizos de semelhantes predisposições pelo inimigo a dentro. A consequencia tinha que ser duvidas e desordens, pois os corpos de exercito depararam com uma situação toda diferente da supposta pela ordem do commando superior. Não podiam por isso ser sopitadas nos sub-chefes o mau humor e a critica maldosa. O mesmo sucederá em toda parte em casos identicos. Reconhece-se assim quão cuidadosamente devem ser meditadas as medidas para marcha e estacionamento, como as imediatamente precedentes ao combate, sob pena de resultarem predisposições. Os nossos exercícios de paz, mesmo os maiores, não chegam a deixar em geral revelar-se em todo o seu alcance a desvantagem de semelhante erro. Especialmente a prematura decomposição das columnas de marcha não é sempre castigada na

mesma medida que succederia na guerra, entre outros motivos porque o efectivo e as medidas do inimigo não ficam ignorados tanto como no caso real.

Demais não é só a educação pacifica das manobras que produz facilmente illusões n'esse sentido, são tambem certas theorias que facilmente se arraigam nas longas epochas de paz, em geral, fundadas em consequencias erradas deduzidas das lições da historia militar. D'esse genero é a opinião da infallibilidade de determinado «processo de operações» como o que se quiz attribuir a Moltke. Os partidarios d'essa opinião não viam que assim apoucavam Moltke, pois este rico espirito não applicava um determinado processo de operações, senão que dispunha de muitos, conforme as situações de guerra que tivesse que dominar.

Se elle considerava a reunião de forças separadas no proprio campo de batalha como o mais alto merito na estrategia, comtudo elle expressamente prevenia que não se generalisasse, sem mais, o exemplo de Königgratz. E nunca lhe passou pela idéia que a separação indicada é necessaria para os exercitos de um grande grupo se applicasse aos corpos de exercito e ás divisões ou unidades menores. Quem quizesse em taes casos applicar systematicamente a marcha separada, incidiria na grande maioria dos casos em predisposições. Trata-se de não perder de vista a idéia de anniquilar o inimigo. Isso só se pôde conseguir plenamente pelo envolvimento, mas o meio de realisal-o ha de variar em cada caso. Antes de tudo porém é preciso vér que ha diferenças no commando de grandes massas ou de divisões, que não podem ser desprezadas. As nossas pequenas manobras encerram o perigo de se desconhecer tal diferença, principalmente pela preferencia dada ao combate de encontro. E' errado tomar essa especie de combate como modelo; esse «processo de encontro» como qualquer outro applicado systematicamente, não se justifica na guerra, como nenhum processo preconcebido de accão.

De semelhantes modelos architectados theoricamente diz Clausewitz: «Quem quizer haver-se em um elemento como a guerra nada deve trazer dos livros senão a educação do espirito; trazendo idéias promptas, não sugeridas pelo choque do momento, não nascidas da sua

propria carne e sangue, a corrente de acontecimentos derrubará a construção ainda antes de concluida.»

«Idéias promptas» já de si significa predisposição; si porém pelo estudo desenvolvemos a «educação do espirito» seremos levados áquella premeditação que nos deixa encarar confiadamente inesperado, mesmo as extremas dificuldades.

E quem pretender tirar do livro a historia militar, portanto das lições do passado, em vez de incitamento e ilustração, regras sempiternas, generalisando exemplos do passado, facilmente terá dissabor de vér que «a corrente dos acontecimentos lhe derruba a construção ainda antes de concluida» e reconhecer que incidiu no erro de predispor.

Entre outros, o principe Frederico Carlos tambem caiu no erro de tal applicação de seus conhecimentos. E' preciso reconhecer como prova do infatigável e tudo do principe o facto d'ele tomar para uso pessoal numerosas notas dos livros scientifico-militares. Mas o que é censurável é que elle desse ao conjunto «uma parte d'essas o titulo de «notas para a campanha». Isso traduz que elle procurava na historia militar não apenas incitamento mas imitação, e sua conduta como cdte. de exercito no começo da campanha de 1866 revelou traços d'essa tendencia.

Os modelos napoleonicos — como o que proporcionava a investigação historica da época, isto é, nem sempre exacta — levaram-n'o a uma exagerada condensação do exercito. Applicando ao inimigo o estalido das suposições que elle mesmo formulava por via theorica, quasi sempre chegava a conclusões erroneas sobre o adversario.

Se a historia militar é imprescindivel para a educação do nosso espirito, elle por outro lado nada proporciona áquelle que a rebaixam á categoria de collectanea de exemplos. Estes nada conseguiram no sentido de descobrirem os moveis dos capitães do passado assim conquistando maior liberdade intellectual, pois a nossa profissão exige o trabalho livre, artístico, não a imitação servil. Por isso tambem os themes de exercícios que em lugar de buscarem apenas inspiração em exemplos historicos procuram agarrar-se ao proprio exemplo, são sempre rebuscados e muito menos fructiferos do que

que se baseiam em situações imaginadas.

Como no dominio estrategico para o commando de exercitos em ponto grande, sim são perniciosos no dominio tactico para os commandos parciaes, os principios os tidos como validos para todos os exercitos. O veso das predisposições que era precente nos exercitos das coalisões contra a primeira republica francesa e contra o Império tambem se transmittia directamente á tactica. Nas manobras da paz da época postfrédérica todos os momentos eram preestabelecidos em detalhe; tais exercícios não podiam pois constituir verdadeiro treinamento para a guerra; antes de prever que os generaes trabalhados em semelhante tactica de revista tinham de fracassar diante dos inesperados, que guerra sempre traz, como aliás em tactica todo schema equivale a predisposição, pois elle conta com um inimigo passivo, afinal sem vontade.

O schema paralysa a energia intellectual e desenvolve a inercia innata no homem.

Quanto, ao contrario, é necessário na guerra a premeditação se conclue de um que se passa atraç do exercito. As ordens relativas a tudo quanto segue tropas combatentes nas linhas de comunicações estão em estreita relação com operações. São precisas as mais metódicas reflexões não só para regular as estôes de suprimento, como principalmente para adaptal-as ás operações em circunstancias muitas vezes rapidamente dadas. Tanto que já Frederico dizia: «não era elle quem commandava o exercito: eram o trigo e a forragem. Hoje e-se acrescentar sem temor de errar: munição».

essa matéria é imprescindivel prelitar, prevêr ao longe. O olhar commando e de seus orgãos deve anger por igual as circumstancias naite de batalha e atraç d'ella; elle não deve por causa do hoje descuidar do amanhã, do depois d'amanhã e mais além.

guerra exige de nós uma meditação acta e penetrante de cada situação. Esse trabalho não deve haver lacuna. Teoria de que «a coisa ha de ir» nos deve avassalar. Pôde-se com ella uma vez ter sorte, mas não ha de ser sorte do capaz e activo» que, como diz tke, é a única sorte duravel.

## O Estudo de Balística na Escola Militar

A Escola Militar tem tido ultimamente, quasi um regulamento por anno. Nem bem se experimentou um, já outro está em elaboração. E, como nessas transformações todas se legisla, ás vezes, sobre assumptos dos quais apenas se tem notícias, nunca se ouvindo a opinião dos que se dedicam aos estudos correspondentes, tem resultado de tudo isso uma innominal confusão que me não cabe aqui analisar senão no que concerne ás minhas limitadas responsabilidades no ensino da matéria que leciono.

Actualmente o regulamento divide o estudo da Balística em duas aulas: *Balistica Elementar* e *Balistica Elementar em Geral*. Parece-me que isto deve ser corrigido.

A *Balistica*, quanto ao seu fim, é uma só. Quanto aos methodos que emprega porém se divide em

1.º — *Curso de tiro*.

2.º — *Balistica Elementar*, (Experimental, Empirica).

3.º — *Balistica Geral*, (Racional, Transcendente).

*Curso de tiro* é a sciencia dos sargentos e monitores, dos officiaes da reserva. *Balistica Elementar* é a sciencia do oficial effectivo e instructor. *Balistica Geral* é a sciencia do technico.

O *Curso de tiro* trata da preparação, execução e efficacia dos fogos, quer do fusil e metralhadora (Curso de tiro para a infantaria e cavallaria), quer do canhão (Curso de tiro para a artilharia). É uma mera elucidação dos regulamentos de tiro e compete aos instructores respectivos.

A *Balistica Elementar* estuda os movimentos dos projectis peculiares a cada arma: resolve o problema em especie portanto. Assim ha a *Balistica Elementar* das armas de tiro tenso (fusil, metralhadora e canhão de campanha) e das armas de tiro curvo e de pequeno alcance (obuseiros de campanha). Não vae além. E, para essas armas é ainda hoje preconisada pelo Cranz (pag. 83 da «Encyclopedie des Mathematiques» Leipzig, 1914), e deve ser dada pelos methodos elementares.

Esta Balística, a *Elementar*, muito mais conhecida pelas denominações de experimental ou empirica, é a que deve ser dada na Escola Militar, estudada no curso fundamental, por todos os alumnos e em

um anno lectivo completo de estudos. O conhecimento da *Balistica Elementar* facilita, digamos mesmo, dispensa o *Curso de tiro* para o oficial que a conhece bem.

A *Balistica Geral*, racional ou transcendente, sciencia moderna, sem exagero, difficilima, exigindo o conhecimento perfeito da alta mathematica, ao contrario da *Elementar*, resolve o problema balistico de um modo absolutamente geral, isto é, sem attender á especie de arma á qual se destina, igualmente applicavel ao fusil, como á metralhadora, como aos canhões de tiro tenso ou curvo e de pequeno alcance, como aos de longuissimo alcance quando se faz mister uma pontaria geographica e as correccões indispensaveis, não só relativas á variação da densidade do ar com as altitudes, como tambem as relativas aos movimentos de translação e rotação da terra e quiçá a derivação da gravidade com as latitudes.

E' a *Balistica* dos technicos, dos calculistas das fabricas de armamento, dos polygonos de tiros e experiencias. O seu lugar é portanto na escola technica de Art. e Eng. se nós viermos a possuir-a.

Resumindo: o *Curso de tiro*, a *Balistica Elementar*, a *Balistica Geral* estão entre si como a *Geometria Pratica*, a *Elementar*, e a *Geral ou Analytica*. Esta comparação se me affigura perfeita.

Cap. *Sebastião Fontes*,  
Prof. da E. Militar.

*N. da R.* — A genese desse descuido talvez esteja nos especialistas ou, pelo menos, na sua ação collectiva. Felizmente o caso que estuda o nosso distinto articulista não dá lugar a erro de palmo porque o professor *intelligent* e probólera tambem no espirito e nas explicações do regulamento. *Balistica elementar*, em geral — deve significar uma preocupação de clareza na denominação, para evitar que se pretendesse considerar só o caso das armas portateis como nos consta que já se fez com a simples designação «*Balistica Elementar*».

O caso merece correção, mas à *quelque chose*...

## Subsídio ao R. E. E.

Ainda sobre este assumpto, isto é, relativamente ao primeiro artigo sob este titulo publicado no nosso n. 74/75, recebemos de Paris uma delicada carta do nosso camarada capitão Ildefonso Escobar. Deixamos de publicá-la porque já no n. passado o Sr. 1.º tenente Pamphiro explicou sem reservas o lamentavel incidente.

## EPITAPHIO

Em fins de Dezembro de 1917, quando mal acceso estava o ardor bellico brasileiro, tomamo passagem a bordo do «Javary», rumo do pequeno, mas valoroso Estado de Sergipe. Iame collaborar na organisação do 41º B. C., que teve como primeiro e único commandante esse soldado de fina tempora que é Gil Antônio Dias de Almeida.

A luta-luta começou a 3 de Janeiro e a partir desse dia memorável para nos — do reposo só se viu a sombra no antigo quartel do 3º Batalhão de Infantaria. E' que o commando estava altamente competente da sua delicada missão e como se lhe afigurasse desde logo imprescindivel necessidade de um quartel, trato incontinenti de transformar o vetusto casarão de paredes extraordinariamente solidas, cuja cobertura ameaçava ruir, numa caserna digna de receber a fôr da mocidade sergipata (e porque não da mocidade brasileira!), avia de instrução militar. E se assim pensou, lhor agiu.

Como parcos fossem os recursos que lhe viam sido fornecidos, multiplicou os meios para obter os que lhe eram necessarios e os conseguia dignamente, de sorte que, no fim algum tempo, estava esse proprio do Ministério da Guerra com a sua área triplicada e dotado de magnifica cozinha, de um pavilhão para recho, claro e com dimensões sufficientes para receber um B. C. completo; de banheiros aqua em profusão, como requerem alias as condições climaticas da zona; de baías para todos os animaes da unidade; de W. C., galpões para viaturas e uma confortavel enfermaria regimental, installada num elegante pavilhão ao fundo do quartel nos terrenos que reivindicou pelos meios legaes.

Gracas ainda à operosidade desse distinto soldado, foi a fachada principal do qual dotada de um andar superior, onde deviam ficar magnificamente installados o commando, a secretaria, a ajudancia, etc., sem muito licito crêr ante essa realidade absolu que, para coroamento do plano ideado nos meios dias de Janeiro do anno de 1918, espaço de tempo muito restrito, os flancos mesmo quartel se elevariam, como a fachada principal, de modo a permitir que os sergipanos dissessem para ser ouvidos por quem interessasse:

— *O Norte possue em Aracaju um quartel para receber condignamente um batalhão de soldados.*

Mas a ação do commando do 41º B. não se exerceu sómente nesse sentido: pacientemente e com o mesmo ardor tratou de obter e conseguiu o material necessario á uniao quando nada para o seu efectivo de occasião.

Não falaremos na parte relativa á instrução porque se esta, no pensar de Lewal, podia grande parte ser aferida pelo grao de disciplina da tropa, encarada do ponto de vista elevado o Exercito não entraria em decadencia por causa do 41º B. C.

Sem embargo diremos que o exame de recontas o anno passado, cercado de estranha simpatia, deixou a sociedade sergipense abysante as provas cabaves de aproveitamento dos seus filhos no curto espaço de 12 semanas.

Mas o sucesso do 41º B. C. teve lugar quando em princípios de 1919 recebeu ordem de embarcar com a maxima presteza em estrada de ferro para o interior da Bahia, onde deveria juntar-se ás unidades componentes do destacamento mandado para os sertões de Govaz, afim de restabelecer a ordem lá alterada. Apesar de ser um domingo, a composição do trem foi logo feita e o material embarcado, bem como o pessoal dessa ephemera unidade, no curto espaço de 2 horas!

E tudo isto sem rumor, lamentação, temor ou retardamento!

O commandante e demais officiaes sentiram-se honrados e ao mesmo passo recompensados com o procedimento desses patriotas anonymos.

Valeu semelhante conducta do 41º B. C. a alcunha que, num momento de rara felicidade, lhe foi conferida pelo Sr. General J. E. Ramalho, então commandante da 3ª Região Militar.

#### Batalhão electrico!

— Por isto mesmo que foste electrico, oh! 41º B. C., viveste muito, muitissimo em tão curto espaço de tempo...

E agora, porque estejas extinto, envio — embora de longe — ao ex. commandante do 41º B. C. um forte aperto de mão acompanhado do abalo que todos sentimos quando atingidos inesperada, inopinadamente, por um desses golpes que poem em dolorosa vibração todo o nosso ser.

Capitão Paulo Bastos.

## O oficial de subsistencias

### Emprego do carro-viveres e do carro-forragem

Ao oficial de subsistencia compete cuidar que os c.-viveres e c.-forragem levem a carga regulamentar. O peso útil que é de 1100 kg. e 1250, respectivamente, ao sahir da guarnição, deve ser reduzido durante as operações a 500 e 1000 kg., respectivamente. No minimo os carros devem levar:

o de viveres — uma ração para um dia, por homem, inclusive pão, tres dias de ração de chá, uma ração de grão para os cavallos de infantaria, uma 2ª ração de reserva para a cav., material de carneação;

o de forragem — uma ração de grão.

Por principio não se transporta feno. É admissivel aumentar a carga do c.-viveres, até mais uma ração de bocca, e será quasi sempre recommendavel desde que as condições das estradas e a grandeza das etapas de marcha não se oponham. A segunda ração de carne pode ser levada em gado em pé, e em vez de pão pode ir farinha de trigo. E' o cdte. da respectiva tropa quem decide. Em todo caso o oficial de subsistencia deve cuidar que vá uma ração completa de pão.

O emprego dos c.-v. na tropa que não tem c.-cosinhas é diferente do que se faz naquela que as têm. Para esta a carga dos c.-viveres representa uma reserva das v.-c., para a outra esta carga é a que se destina á alimentação corrente do dia.

O suprimento dos c.-viveres e c.-forragem deve ter lugar em primeira linha com os recursos do theatro da guerra; caso isto seja impossivel, o reabastecimento se faz, por ordem do cdte. do exercito ou do da divisão, com os recursos dos comboios administrativos

ou dos armazens de campanha que se achem ao alcance da tropa. Este ultimo processo será quasi sempre applicável em paralysação das operações ou deante de praças fortes. Na guerra de movimento são os comboios os órgãos de ligação entre os armazens e as tropas. Na medida das necessidades a autoridade competente faz avançar as columnas de subsistencias e comboios auxiliares até á zona de estacionamento da tropa, em pontos apropriados, onde se faz ou a baldeação directa para os c.-viveres ou a descarga e armazenamento transitorio até a entrega á tropa.

O oficial de subsistencias regula o tráfego dos c.-viveres e c.-forragem entre a tropa e o armazem ou ponto de recebimento dos comboios. Eventualmente elle conduz em pessoa as columnas de carros vazios, auxilia no ponto de recebimento os funcionários do armazem, fiscaliza o seu pessoal durante o recebimento e reconduz pessoalmente á tropa a columna carregada. Se os carros de um regimento marcham juntos, de modo que possa a sua condução ser confiada ao cdte. do trem de estac., os officiaes de subsistencia podem adiantar-se para o lugar de recebimento e (na volta) para a tropa, afim de tomarem outras providencias.

Os carros de vivens e de forragem quando vazios podem ser utilizados para transporte de feridos. Para isto é porém necessaria a autorização do respectivo cdte. da tropa, o qual só a concederá quando isso não prejudicar o serviço de reabastecimento de subsistencias.

### Emprego dos carros-cantinas

A compra e a venda, a administração dos carros-cantinas correm por conta da unidade de tropa.

O suprimento durante as operações não deve ser feito mediante requisição, mas por compra directa. Occorrerão, porém, casos em que só uma ordem superior de requisição resolverá o problema; mas o pagamento será feito à vista. Em qualquer caso é necessário que o oficial de subsistencia dirija as compras, as vendas, a guarda dos artigos, e a escripturação. Onde assim não se fizer, e com toda a meticulosidade, a cantina será fatalmente uma fonte de irregularidades e indisciplina.

Desde que a tropa se ache em regiões onde seja impossivel obter suprimento local, o carro-cantina passa a ser reabastecido como os outros carros-viveres.

As intendencias de etapas fazem estabelecer nos pontos principaes de etapas ou nos armazens de campanha mais proximos das tropas, estações de venda de artigos proprios para as cantinas; ahí elas se reabastecem. Podem também as mesmas autoridades conceder a ne-gociantes acreditados a facultade de efectuarem essas vendas ás cantinas, submettendo seus preços á censura do intendente da etapa. Estas providencias, já se vê, só têm valor quando taes estações de venda fiquem tão perto da tropa que as cantinas possam fazer a viagem de ida e volta. Isto será raro. Por este motivo é de regra fazer-se o suprimento na guerra de movimento, através do serviço de etapas. Os funcionários do armazem onde os generos de cantina são postos á disposição fazem então a venda ás cantinas; o preço não é aumentado de custas de transporte.

No transporte dos generos de cantina a partir da ultima estação de estrada de ferro até a estação de venda não pode ser feito pelos trens regulamentares dos comboios administrativos, pois, nenhum destes é dispensável desde que se esteja em zona onde não haja mais suprimento com recursos locaes.

### Emprego das rações de reserva

Antes do inicio das operações todas as unidades de tropa devem mandar verificar se existem completas as rações de reserva, de viveiros e de forragem.

Ao oficial de subsistencias compete fazer uma verificação, de vez em quando, durante as operações. Para o que faltar elle provindrá junto á intendencia.

Cumpre-lhe tambem tratar de effectuar uma distribuição equitativa entre as companhias, etc., caso em que uma parte delas tenha tido de consumir a ração de reserva.

O R. S. C. contém prescrições sobre o emprego das rações de reserva. (\*)

Quando é preciso lançar mão de ração de reserva convém, nas tropas que dispõem de cozinhas, empregar primeiramente a que está aí. Nas tropas não dotadas dessa viatura a ração de reserva deve ser transportada em carro próprio e que vai no trem de estacão; este na occasião estiver perto da tropa será, evidentemente, esta a primeira ração de reserva a consumir.

Cumpre ainda ao oficial de subsistencia fazer de quando em quando examinar o estado de conservação das rações de reserva e fazer novar o que se tiver tornado inservível.

### Fábrico de Pão

O fornecimento de pão ás tropas durante as operações é particularmente difícil.

O judicioso emprego das padarias de campaia deve assegurar a distribuição suficiente e tempo. Convém recorrer ao auxilio das padarias civis. Na guerra de movimento não podem tropas fabricar seu pão. Mesmo na paralisação das operações isso será difícil, por falta de padeiros. Quando porém as condições todas permitem o fabrico do pão pela tropa é o oficial de subsistencia quem o dirige.

Quando não seja possível fornecer o necessário pão á tropa, completa-se ou substitui-se a ração por biscoito ou bolacha, ou aumenta-se de 500 g. a ração de carne. Em ultimo caso enga-se a farinha de trigo aos homens (em pécie) para que a preparem de outro modo, mo alimento.

### Carneação

Em campanha será frequente a tropa ter que carnear. Não ha falta de pessoal apropriado, comando é conveniente fazer exercicio de carneação dos os annos nas unidades de tropa.

Quando a tropa tenha que abater gado é o oficial de subsistencia quem dirige o serviço. A carne deve ser transportada elle provindência sobre seu bom acondicionamento; pôde ser conveniente defumal-a. Se a tropa leva gado em pé elle cuida de seu tratamento, alimentação e marcha.

(A seguir: Preparo dos officiaes de subsistencia na paz).

## O que traz de novo o R. Cont. (N. 2)

*Continências pelas guardas e outras forças.* O art. 34 foi completado de modo a mencionar todos os casos em que uma força faz continência e foi corrigido excluindo a continência aos militares de hierarchia igual á do cdte. da força. Na 2.ª parte estão synthetizados os dois principios a observar: a força se resume como um só individuo na pessoa de seu cdte.; o cdte. de força, á frente d'ella, é superior dos militares de igual graduação, mas isolados. O art. 39 detalha o modo de fazer a continência.

O art. 35 foi alterado: apresentação de armas, hymno e marcha-batida é continência privativa da Bandeira e do Presidente da República; para as demais autoridades e militares superiores ao cdte. da força estacionada só ha o cdto. de «sentido» e «olhar á direita» (esquerda), — subentende-se tambem «olhar frente».

— se for o caso, acrescendo para os generaes uma marcha, da musica, ou na falta d'ella, a composição da ordenança pelos cornetas e tambores. «Para os de graduação igual o cdte. limita-se a responder á saudação que parte de seu camarada». Distâncias são as mesmas do caso da força em movimento (39), excepto para a Bandeira, o Presidente e os generaes: nestes casos começa a continência a 50 pés e cessa quando se tenham afastado 10 passos.

O art. 36 foi muito alterado, racionalmente, e simplificado: O oficial que exerce uma função de posto superior ao seu tem direito á continência d'aquele posto (dizia o antigo R., e acrescentou-se): *na unidade ou repartição onde exerce, salvo se se apresentar em companhia de oficial estranho mais graduado.*

A 2.ª parte foi por assim dizer posta ao avesso: «Se exercer em corporação militar fóra do Exercito, comandando de posto mais elevado, sempre que se apresentar fardado e com as insignias deste posto terá direito á continência como se fosse efectivo».

No art. 38 foi acrescentada a obrigação da continência á noite pelas guardas de honra ou de guarnição á Bandeira e ao Hymno.

O art. 39 estabelece as distâncias para a continência de força em marcha, introduz o comando preliminar de «sentido», quando for o caso, e regula a successão das vozes dos cdtes. que se cruzam.

A execução passa a ser feita successivamente pela menor unidade de comando de oficial (pelotão, secção).

O art. 40 recebeu uma 2.ª parte relativa ao caso de uma força que alcance outra no mesmo sentido da marcha e queira passar á frente.

O art. 41 estabelece que approximando-se de uma força parada uma autoridade que teria direito á continência, mas que já encontre no local outra autoridade superior, com tudo o cdte. da força manda «sentido».

O art. 43 estabeleceu para a força desarmada — acrescentou ou armada fóra das condições do n. 35 — a obrigação de fazer o olhar á direita (esq.) tambem quando parada.

E explicou que o cdte. leva a mão á cobertura, se tem a espada embainhada.

O art. 44 foi suprimido, porque a nova redacção do 43 abrangeu o caso.

O art. 45 suprimiu o pedido de licença para montar ou apear. Isso era como se a infantaria

(\*) Vd. R. S. C. braz. 569.

tivesse que pedir licença para descansar armas. Esta comparação devia ser generalizada nas armas montadas; a infantaria fez alto, descansou armas; tropa montada parou, apeou!

Entretanto ainda é tão frequente virmos tropa montada, muito tempo parada sem apesar! Naturalmente: *modus in rebus*. O cavalleiro não é bem uma carabina.

*Dos cumprimentos em recepção de visita e apresentação.* O art. 47 foi consideravelmente alterado, no sentido de maior exequibilidade e de garantir a conveniente ordem e naturalidade. Isto transparece logo da primeira proposição: em visita inesperada o Presidente da República será recebido pelo director ou edte. — se possível — ou na falta deste pelo official mais graduado que estiver mais proximo, o qual mandará fazer o devido toque, se não tiver sido feito ainda. A tropa formará então em seus alojamentos «como estiver»; a musica, os corneteiros e tambores postar-se-ão à direita da guarda e farão a confinência — não importa a lemora que haja —; os officiaes irão armar-se, reunir-se-ão por unidades — para não chegarem de um em um, como sempre acontecia — e serão no local onde se achar o Presidente, a elle apresentados pelo director ou edte. No § 3.º se estabelece que para as outras autoridades, a partir do edte. da brigada inclusiva, a formalidade da formatura do pessoal só terá lugar por occasião da primeira visita.

A' primeira vista é lamentável que se não tivesse estabelecido o mesmo princípio no art. 46 quanto às guardas de honra a postar no ponto de desembarque das mesmas autoridades superiores.

Está porém no criterio dessas autoridades que têm necessariamente interesse em não perturbar a tropa e não affligr os edtes, que em certas épocas só poderão constituir tais guardas de honra por uma salada de companhias, promptos e recrutas — evitarem isso: basta que não dêem aviso oficial de sua chegada e partida (49, 2.º prop.). O R. Cont. não pôde ter culpa das frequentes substituições de comando, mórtemente na «provincia», durante o anno de instrução, nem também de não ser garantida a presença nas fileiras, em qualquer época de um razoável minimo de praças promptas.

O art. 48 foi completado com uma disposição que virá sanar uma impressão muito má, sempre deixada pela indecisão e desordem nas apresentações e cumprimentos collectivos, especialmente tratando-se de visita de superior ou substituição de chefe. Nestes casos, o chefe (ou seu substituto) vai dando ao visitante (ou novo chefe) o nome de cada official; o nomeado dá um passo em frente, toma a posição de sentido voltado para a autoridade e diz a função que exerce, approxima-se para apertar-lhe a mão, se o superior a estende, e em seguida afasta-se.

(Continua)

## Instrução de infantaria

Quadros de instrução destinados à organização de programmas semanaes

(Continuação)

### VI — Esgrima

#### Posição de guarda.

**Passos** . . . { Simples à direita, esquerda, frente e retaguarda.  
Dobrados à frente e retaguarda.

**Saltos** . . . { Simples à direita, esquerda, frente e retaguarda.  
Dobrados à frente e retaguarda.

Partir a fundo ganhando e perdendo terreno.  
Guardas à direita, esquerda e retaguarda.

Os exercícios anteriores combinados.

Todos os exercícios anteriores.

**Golpes** . . . { Altos: à direita, à esquerda, na cabeça.  
Baixos: à direita, à esquerda.

**Paradas** . . . { Altas: à direita, à esquerda, à cabeça.  
Baixas: à direita, à esquerda.

**Recursos**: fintas, oposições, batidas, degagé, pancadas.  
Todos os exercícios anteriores combinados.

**Sem arma** . . . . . (Só para recrutas)

**Com arma** . . . . . (Para todos)

**Recomendações principaes** . . . . .

**Recursos permittidos**: jiu-jitsu, capociragem, etc.

Em terrenos variados e alturas diferentes.

Homens equipados.

Golpes só no tronco.

Evitar pancadaria.

**Notas.** — O exame é só com arma. A esgrima de combate vai até setembro, encerrando-se com a revista de exame. Pode-se fazer concurso (R. I. S. G. 59). Todos os sargentos devem estar preparados para instructores de esgrima. É proibida a escola para exhibição e no mesmo o instrutor ensinará a dois homens ao mesmo tempo. Julgamento: segurança, agilidade, treza, energia nos golpes, habilidade, decisão e astúcia. Evitar séries decoradas de exercícios. Nos meses de inverno e uma vez por semana, uma aula obrigatória para segundos tenentes e aspirantes (isto deve constar nos programmas de instrução para officiaes, organizados pelos commandantes de corpos).

## VII — Gymnastica

Sem arma e sem voz . . .	Com o tronco em pé . . .	Movim. giratorio: cabeça, tronco, braços, pulsos, pernas e pés. Movimento horizontal e vertical (lateral) dos braços. Oscilação das pernas para diante e para traz. Flexão: braços, pulsos, dedos, tronco, pernas, pés. Abertura das pernas: para a frente e para os lados. Contração das pernas.
	Com o corpo deitado . . .	Flexão dos braços (ventre para o solo). Flexão do tronco . . . braços estendidos ao longo do corpo; mãos cruzadas debaixo da cabeça; braços estendidos no prolongamento do corpo; os exercícios anteriores sem auxílio.
Sem arma e à voz . . .	Curvar e voltar a cabeça. Flexão: braços, tronco, pernas, pés. Elevação de uma perna. Saltos: com calcanhares unidos (em altura), com um pé recuado (em frente, a retaguarda).	
Com arma e com voz . . .	Com ambos os braços . . .	Levantar e baixar os braços. Flexão dos braços e do tronco.
	Com um só braço . . .	Flexão dos braços: arma à frente e ao lado. Movimento horizontal dos braços.
Com arma e sem voz . . .	Molinete. Pontaria: movimento giratorio dos braços e baixar a boca da arma.	
	Suspensão inclinada . . .	levantando uma perna; flexão dos braços; os dois exercícios anteriores combinados.
	Suspensão alongada . . .	flexão dos braços; levantamento e abaixamento das pernas; saltar em terra.
	Passar da suspensão ao apoio.	
Barra fixa.	Passar do apoio à suspensão alongada (abaixamento) . . .	deslizando com abaixamento simultâneo e sucessivo dos braços.
	Tomar o apoio por salto. Flexão dos braços em apoio. Cavalgar a barra, partindo do apoio e retomar o apoio. Do apoio assentar na barra pela frente e retaguarda. Da posição assentada saltar e voltar ao apoio.	
	Transpor a barra por salto de calcanhares unidos . . .	a pé firme;
	Idem de pernas abertas . . .	a alguns passos;
2 <sup>a</sup> Classe . . .	Cordel de saltos . . .	Salto em largura (sem cordel) e em altura. Salto precedido de corrida em altura, largura e composto.
	Caixa de saltos: exercícios a, b, c e d do n. 49.	
	Corda pensil (simples ou par) . . .	Pendurar-se e flexão dos braços. Subir e descer com e sem auxílio dos pés. Saltar no chão. Flexão lateral alternativa dos braços.
	Haste vertical: Subir e descer.	
	Poste com degraus, escada vertical e obliqua . . .	subir; subir a braços na escada obliqua.
1 <sup>a</sup> Classe: os mesmos exercícios com maior desenvolvimento e mais os detalhes prescritos pelo R. Gy. (63, 64, 65, 66, 67, 68).		
	Exercícios de equilíbrio: barra oscilante, cavalgar traves, pinguelas.	
	Andar de rasto: para diante e para traz.	
	Saltar obstáculos: cordeis, fossos, troncos de árvores, barris, sebes, etc.	
	Galgar e transportar: muros, barrancos, paliçadas, etc.	
Jogos Aplicada	Corridas de estafetas e outras.	
	Barra, foot-ball, distensão de cordas, pão de cebo, etc.	
	Jogar corpos: à distância, altura e distâncias determinadas.	

*Notas.* — Objectivo da gymnastica: maxima pacideade para vencer todas as difficultades de na campanha (n. 3).

Todos os ramos da gymnastica são atacados simultaneamente.

Os instructores executam em primeiro logar exercicio (n. 3).

Os exercícios têm logar durante todo o tempo serviço (n. 4).

Nos mezes de inverno uma aula obrigatoria, r semana, para os 2.ºs tenentes e aspirantes (3).

Fazem-se concursos (n. 7) e se permitem outros exercícios (n.ºs 3, 8, 70). Revistas de exame no fim da instrução dos recrutas e no

do periodo de companhia (n. 7). No periodo de companhia o exame é de gymnastica aplicada.

Não se preocupar com exhibições e fazer o julgamento tendo em vista: ordem, silencio, agilidade, facilidade, garbo, dextreza, força, porte militar, coragem, segurança, resistencia, habilidade, grão de expertise, iniciativa (n.ºs 2, 4, 6, 31, 45, 72, 73, etc. Acompanhar exercícios de turmas pouco numerosas, fiscalizar e tomar notas.

Para um julgamento seguro e acompanhar detalhadamente o progresso da instrução, ao instructor convém a organização em seus cadernos de instrução dos modelos I e II:

MODELO I

Nomes	Idade	Altura	Peso	Pulsos por minuto	Força	Capacidade pulmonar	Circunferencias										Observações	
							Pescoço	Thorax	Abdomen	Braco	Antebraço	Coxa	Perna	Pescoço	Thorax	Abdomen	Braco	
	a	d	a	d	a	d	a	d	a	d	a	d	a	d	a	d	a	

antes de iniciar os exercícios de gymnastica, depois de terminados.

A capacidade pulmonar é fornecida pela diferença em centímetros entre uma aspiração e a expiração. Cada centímetro é meio de diferença corresponde a 1 litro de ar. A capacidade pulmonar quando inferior a 2 litros é peita.

A organização deste quadro e indicações que o acompanham foram fornecidas pelo tenente Frias Villar, instructor de gymnastica do Curso de Aperfeiçoamento. Elas constituem, indiscutivelmente, um registro precioso para quem acompanha detalhadamente o progresso dessa instrução.

MODELO II

### Exercícios sem arma e sem voz de comando

NOMES	Movimentos giratorios						Abertura das pernas	Flexão dos dedos	Flexão dos pulmões	Flexão do tronco	Flexão dos braços	Flexão do tronco				Observações
	Carga	Tronco	Bracos	Pernas	Maos	Pés						1.º grau de flexão	2.º grau de flexão	3.º grau de flexão	4.º grau de flexão	
F.	/	/	3	/	/	/	2	/	/	/	/	6	/	/	/	
R.	12	/	/	5	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	/	

Este quadro destinado aos exercícios sem arma e sem voz de comando está organizado assim como indicação; é claro que todas as suas partes devem ter quadros idênticos. Neste instructor cuidadoso poderá dispensar seu caderno de notas sobre a gymnastica. Pela organização do presente quadro cada homem dispõe de uma faixa horizontal decomposta em tantos rectângulos quantos forem os exercícios diferentes a que deve ele ser submetido. Cada um destes rectângulos está decomposto em dois triangulos: no superior registra-se a lápis o numero de exercícios de uma

determinada categoria que o homem tem feito, no inferior, uma letra indicativa (s, por exemplo) de que já pode ele ser dispensado de tal exercicio; neste caso o algarismo do triângulo superior deve ser conservado a tinta, porque indica o numero de exercícios que cada homem fez para conseguir um resultado satisfatório (s). Os triangulos em branco indicam as categorias que não foram exercitadas. No quadro acima, R, por exemplo, só se exerceu em movimentos giratorios de cabeça e pernas, tendo satisfeito os primeiros no 12º exercicio.

1º Tenente Barbosa Monteiro.

## R. T. I.

(2ª edição — Conclusão)

## Parte III

muito pequenas as modificações e no-  
ahi introduzidas. As mais importantes

constam do ultimo periodo do n. 183;  
n. 192, que desloca para a companhia  
ucção dos telemetristas;

n. 198, que precisa a responsabilidade  
ferentes commandantes em relação a essa  
instrução;

n. 197, que prescreve a obrigação dos  
andantes annualmente revistarem o desen-  
volvimento, a recommendação do n. 198,  
todas, sómente a ultima exige um pequeno  
cimento.

hypothesis alguma é recommendável con-  
sas inspecções com um caracter de exame.  
devem consistir em exercícios especiais,  
os estes de tal modo organisados que  
mandantes tenham sempre margem para  
com segurança do grão de instrução  
telemetristas das companhias (officiaes in-  
. Os proprios exercícios referidos no  
se prestam perfeitamente para isto.

## Parte IV

fundamentos desta parte não sofreram mo-  
ções sensíveis. A não ser a alteração do  
de premios, a distribuição de premios  
ados menores, a restrição do n. 205 e  
ficação impressa ao n. 210, muito pouco  
is ahi que se assignale. A clareza das  
cações dispensa qualquer commentario.

## Parte V

mmenda-se como particularmente impor-  
consideração contida no ultimo periodo  
216.

e munições a 2ª edição definiu de modo  
to o que cada unidade pode dispôr du-  
o anno, para sua instrução.  
a munição deve ser calculada sobre os  
ros de instrução, pouco importando que  
fectivos sejam ou não realmente dados.  
da pagina 94 completa os esclarecimen-  
cessários a esse cálculo.

visão desta parte (munições) parece ter  
sido apressadamente. Assim, deve ser «de  
tuchos por homem», e não «de 70 car-  
por homem e por classe». A ultima forma  
em desacordo não só com o que effe-  
tivamente se lê nas linhas 17 e 18 da pagina  
mo com o proprio espirito do n. 217,  
belger este numero duas unicas especies  
nção para a companhia (a e b). Sobre  
ciente 60, encontrado nas paginas seguin-  
se disse alguma cousa em notas ante-

relação á maneira pratica das compa-  
receberem as suas dotações annuas de  
o, o regulamento nada diz; trata-se de  
talhe de administração, inteiramente af-  
á competencia do commando do corpo  
a, parece que o mais pratico entre nós  
companhias receberem essa munição par-  
tamente, isto é, á medida que forem neces-  
sárias. A economia annual de cada companhia

pôde perfeitamente ficar na intenção do corpo;  
basta que de tudo isto se faça o necessário re-  
gistro.

O principal, emfim, é cada companhia saber  
que pôde annualmente dispôr, a juizo de seu  
commandante, mas na forma que o regulamento  
estabelece, de tal porção de munição. Sómente  
ordens superiores poderão (como já dissemos),  
restringir tais dotações, provisoriamente, ou mes-  
mo augmental-as, se as autoridades julgarem  
que isso é necessário. Deve-se porém, ter o  
cuidado em não confundir esses augmentos com  
os resultantes das dotações supplementares pre-  
vistas no regulamento (ex: a munição posta pelo  
batalhão á disposição de suas companhias para  
exercícios especiais de tiro para officiaes).

## Parte VI

Nesta parte — escripturação — as alterações  
mais importantes são as que constam dos re-  
spectivos mappas; as notas que os acompanham  
esclarecem perfeitamente o modo de proceder  
á sua escripturação (1). Sómente no modelo IV  
é preciso o cuidado em encher o seu n. 1 (efectivo  
na incorporação dos recrutas) de acordo  
com o periodo que se segue ao §. 5º do n. 221.  
Fazer o contrario importaria registrar um grande  
numero de esclarecimentos sobre ganhos, quando  
o que se quer com o n. 2 — ganhos — é  
exactamente ver depois da incorporação o mo-  
vimento de entradas na companhia e em que  
condições estas se realizaram.

E' ainda particularmente importante pelas obri-  
gações que estabelece, o que sobre relatórios  
traz de novo o n. 227.

## Parte VII

Em face da desorientação existente sobre a  
questão da verificação das armas, sou obrigado  
a alongar-me aqui um pouco.

O tiro de verificação é obrigatorio, mas essa  
obrigatoriedade, como a de tudo que é regu-  
lamentar, só pôde chegar até o limite das possi-  
bilidades praticas.

Ora, o tiro de verificação só pôde e deve  
ser feito debaixo de condições muito rigorosas,  
e é exactamente o rigor, que ahi se deve  
observar que se não tem na pratica exigido.  
Por exemplo, é condição indispensável que o  
atirador seja exímio.

Mas os nossos exímios atiradores só o são em  
nome, porque na realidade e em geral todos  
têm sobrecarregada de vicios a noção de pon-  
taria que adquiriram. Isto é facto, não se con-  
testa; a prova está nos bellos grupamentos ordi-  
nariamente obtidos, todos, porém, localizados fóra  
do rectângulo de verificação.

Por outro lado, as demais exigencias, tales como  
bom tempo, estabilidade da arma, etc., são  
quasi que de um modo absoluto despresadas.

Presentemente, por exemplo, com dia quente  
e sem oculos apropriados, reputo quasi impos-  
sível um tiro de verificação com proveito, de-  
pois de 9 horas. Acho também altamente in-  
conveniente submeter um unico atirador á veri-  
ficação de mais de tres armas em uma mesma  
sessão, sem um descanso suficientemente pro-  
longado. Por isso, não merecem ser considerados  
como de verificação, os tiros em ses-  
sões prolongadas em que dezenas de armas são

(1) Com a numeração das companhias dentro do regimento  
e dispensável a primeira casa do mod. VI — numero do batalhão.

etidas a essa prova e às vezes, por um atirador. Nem é isto o que quer o amento; este apenas exige que se submetta a uma prova de tiro, antes de seu em- no tiro de instrução e de modo nenhum a que todas as armas de uma companhia examinadas de uma só vez.

im, o que se tem feito até agora, está longe de ser um tiro de verificação; o muito, nada mais se tem tentado do disfazer apparentemente uma obrigação im- pelo regulamento.

não deve ser assim. Se a verificação não ser rigorosamente executada, é preferível avel-a, a dar como não satisfazendo as con- de justezas, armas que na maioria dos são perfeitamente justas. Basta que depois stifique porque não pôde ser satisfeita a cia da verificação. A autoridade de que os commandantes vale muito, e só se ajuizar do que se passa na tropa pelo les asseveram. Ninguem tem o direito de dizer do que elas dizem; quando muito, as lades superiores poderão aceitar ou nãoões por elas apresentadas.

ndo a Nação conferiu aos diferentes com- mites a autoridade de que elas gozam, naturalmente para ficar tranquilla quando conferisse o encargo de zelar por deter- as questões. Ela, portanto, só espera que stões que forem atribuídas a esses com- mites sejam por elas tratadas com a cari- severidade que merecem.

opinião geral é que o tiro de verifica- nossa tropa só difficilmente poderá executado, por quanto lhe falta o elemento al, que é o atirador exímio. Allegam isto ordinariamente o executam.

urioso, porém, observar a singular con- o entre o que allegam e o que encer- relatórios annuaes apresentados. Estes deixam de registrar um numero relati- e avultado de atiradores de classe es-

então os atiradores desta classe não esta- condições de executar o tiro de verifi- Admitta-se que não todos, mas pelo me- pequeno numero o deve estar.

ntadição resulta, portanto, do facto de responderem os co-efficients relatados ás as de verificação, o que importa dizer classificações são feitas com uma bene- excessiva.

a a hypothese admissivel. Effectivamente, modo geral nós não temos atiradores exímio que nosso soldado seja incapazuir essa qualidade no tiro, mas porque temos satisfeitos quando elle apena, e nial, sabe o formalismo das primeiras do tiro.

cciso, no entanto, ficar certo de uma exigencia regulamentar da verificação as é de tal ordem importante, que sup- importaria patentear um recuo de nossa a technica do tiro, que se não justifica face do nosso adiantamento de hoje. hece-se, assim, diante de tal situação, que é necessário um esforço supremo para o tiro de verificação; mas também de modo se deve ver nas considerações que um pretexto para não realizá-lo. To- vez que um commandante de compa-

nhia se sentir com recursos para o executar, deve fazel-o.

Por fim, seja-me permittido commentar um caso, a meu vêr, particularmente curioso.

Ouvi que alguns corpos tiveram retardada a sua instrução de tiro de combate pelo facto de seus fuzis não terem satisfeito as condições de justezas.

O regulamento não podia ser mais claro neste ponto; elle só prohíbe o emprego de armas sem justezas nos tiros de instrução. Nem podia ser de outro modo, pois o tiro de instrução é um tiro de precisão, não permittindo, portanto, o emprego de armas que não satisfaçam determinadas condições<sup>(\*)</sup>; mas também nem sempre o facto de uma arma deixar de satisfazer as condições de justezas deve levar á conclusão de que ella é incapaz de optimos grupos. A falta de justezas nem sempre resulta de um descalibramento, e o que se não deve permittir no combate, é o uso de armas descalibradas.

I<sup>o</sup> Tenente Barbosa Monteiro.

(2) E consequentemente, pelo espirito, os tiros de concurso.

## “Fusil-metralhadora Madsen”

(Palestra com o A. Miranda)

Presadissimo amigo

Venho de lér attentamente os reparos que fizeste, na «A Defesa Nacional» n.º 78 sob a epigraphe acima, aonde se deram as mãos o alinho dos argumentos e a propriedade das phrases; se das conclusões vou dissentir verás que não é grande o terreno, nem te vae n'isso a desvalia.

São bem justificaveis teus receios de que as metralhadoras Madsen tenham vida curta, mas não dês muitos tratos á imaginação porque as raias da metralhadora se gastam aos 3 mil e poucos tiros e também não te inquietes com o caso do revestimento dos projectis para os quaes insinuaste metal mais macio, compativel com a vida da metralhadora e do fusil.

Assalteado pela perspectiva da precoce velhice da Madsen disseste:

«Como o representante da Fabrica assegura para cada cano a vida de 5 mil tiros, surgiu a ideia de que o mal reside na camisa do projectil; este modo de vêr é corroborado pelo rapido descalibramento do Mauser quando em uso para experiência de tiro».

Ora, como o fusil Mauser 908 foi aceito após experiencias rigorosissimas de que resultaram, para elle, a fixação de uma vida de 5000 tiros, permitte-me acreditar mais na robustez d'este fusil do que na afirmativa do representante da

abrica dinamarqueza, pelas razões que  
aes lêr.

Experiencias semelhantes a estas que  
companhias, ou vens de concluir, foram  
realisadas de outra feita, antes da encom-  
enda da metralhadora, por uma com-  
issão presidida pelo Tte. Coronel A.  
Carlos Brazil, hoje falecido; entre este e  
o representante da fabrica, o sr. With-  
seidelin, houve alguns episódios inte-  
ressantes.

Houvera a Comissão imediatamente  
concluido que a metralhadora não satis-  
fazia a todas as exigencias do programma  
de experiencias, preestabelecido e appro-  
vado; assoalhara-se, então, que clandes-  
tinamente alguém substituira o cano já  
experimentado, de cuja flagrante fadiga  
se evidenciara não ser possível, com elle,  
o final das provas no dia imediato.

E' claro que em torno do caso houvesse  
algum ruido; houve replicas e treplicas;  
resultado: foram substituidos a Comis-  
são e o programma de experiencias.

Realizaram-se novas experiencias, o  
fusil-metralhadora cumprio-as fielmente,  
disseram-n'o a comissão presidida por  
um coronel de artilharia, hoje general  
reformado, e o respectivo relatorio.

Dada esta feição retrospectiva relativa  
ao caso da Madsen — sem commentala-  
para que do menor cochilo da penna não  
me caiá em cima um dos artigos das  
transgressões catalogadas no R. I. S. G.  
— volto ao envolucro dos projectis e  
resistencia do cano da metralhadora.

A fabrica dinamarqueza previra o em-  
prego da bala P. no seu material, por  
isso n'elle introduzira um novo cano fabri-  
cado com aço especial, mais resistente  
que o antigo — declaração do proprio  
Sr. Seidelin em 1911 — de sorte que agora  
sou eu quem fica mais surprehendido,  
com a fadiga da metralhadora após tra-  
balho tão pequeno.

Sabe o meu velho amigo que a camara  
do fusil Mauser 908 foi traçada de modo  
que a bala P. percorresse, como percorre,  
no cano antes do forçamento um espaço  
que está comprehendido entre os limites  
 $9 \pm 3$  mm.

Este augmento indirecto da camara do  
fusil, para atirar com a bala P. é uma  
exigencia technica indispensavel á garan-  
tia e vida do cano.

A metralhadora agora recebida e expe-  
rimentada satisfaz a esta condição ou o  
forçamento é imediato?

Por outro lado, a nossa polvora n.º 422  
substitue perfeitamente a N. N. P. 1532  
alemã que foi experimentada com o fusil  
908, porque com menor densidade de car-  
regamento dá a mesma velocidade inicial  
e menor pressão.

Este fusil supportou no polygono pro-  
vas rigorosas, ficando após 5 mil tiros em  
excellentes condições, n'uma média de 10  
armas experimentadas.

Outras series deram resultados satis-  
factorios, no fim de 9 mil e mais disparos,  
entretanto o limite de vida foi fixado em  
5 mil. Ao demais, foi pela consideração  
do menor coefficiente de forma, para  
obtenção de maior velocidade inicial e  
maior tensão de trajectoria, que adopta-  
mos a bala P. para o fusil.

A França teve a mesma preocupação  
com o projectil do Lebel modelo 1886  
modificado em 1898 com a bala biogiva  
pontuda, pesando 13 grammas, em substi-  
tuição da ogival de 15 grammas, con-  
stituída por uma liga de cobre e zinco  
na proporção de 90% do primeiro para  
10% do segundo.

Não adoptamos, por ex., o latão para  
o metal do nosso projectil — o que certa-  
mente muito sorriá á metralhadora e  
fusil, dando-lhes vida mais longa — por-  
que exigimos para a bala P. do fusil 908  
a velocidade V 25 = 874 m - s, e energia de  
4050 rotações por segundo; d'ahi prese-  
rirmos a liga de cobre e nickel na seguinte  
proporção:

85% de cobre

15% de nickel

sendo a espessura do revestimento de  
0,mm04.

Se erramos, a Argentina nos acom-  
panhou no erro, ou nós a ella, pois que  
o projectil do seu fusil é revestido com  
a mesma liga, variando as proporções  
para 80% de cobre e 20% de nickel.

As experiencias têm demonstrado que  
as duas ligas comportam-se do mesmo  
modo em relação ao raiamento.

Por seu lado a Comissão hespanhol procedendo a experiencias com a ba-  
lona ponteaguda — veja-se Memorial de Artilharia de Julho a Dezembro de 1909  
outro fasciculo de Julho de 1910 — é  
mais longe, chegando á conclusão de que  
para a justeza e penetração da bala po-  
nteaguda torna-se necessario um reves-  
timento mais duro que o Maillechort.

De sorte que é facil prever o embarque  
que terá a Directoria do Material Bellis-

se propuser a modificar o revestimento  
a bala P.

Ella poderá dar solução ao caso se fôr  
mistério; todavia eu, sem querer adi-  
tar ideia a respeito, estabeleço de mim  
para commigo o seguinte dialogo: Se a  
antiga 3.ª Secção da G. 4. — cujos ser-  
ços passaram para a D. M. B. — acei-  
u o fusil 908 com a sua bala P. irmâ-  
dos esta e aquelle, para a mesma luta  
la vida, e se depois o Brazil adquiriu a  
metralhadora Madsen para trabalhar com  
mesma munição do fusil, não teria  
nella passado pelas mesmas provas que  
saram sobre este?

Porventura não cuidaria a fabrica dina-  
rqueza que o seu material teria que  
balhar com a bala P. de 9 grammos do  
mil Mauser modelo 908?

Concordemos, meu caro Miranda, «o  
l é do cano da metralhadora e não da  
a».

Se a Madsen tem vida só para 3 mil  
poucos tiros, offerecendo-nos, antes de  
mil disparos, impactos de costado como  
este, sirva-nos o caso de *Experiencia*  
é a melhor mestra da vida.

abraços do am.º ex-corde,

Frederico de Siqueira.



caro amigo Siqueira.  
cordialissimas saudações.

com o mesmo prazer de sempre, quando  
ata de lucubrações de teu esclarecido espí-  
as respigas que tiveste a bondade de fa-  
no meu despretencioso artigo publicado na  
Defesa Nacional».

tragejo essa prova de camaradagem, tendo  
regado momentos de teus lazeres com um  
pto que julguei passasse despercebido.  
blique-o menos com o intuito de exhibi-  
smo, ao qual sempre fui avesso por indole-  
ue para attender ao pedido de um amigo  
edcação da Revista que teve até a bondade  
de lembrar o assumpto.

mo devias ter apprehendido, preocuppe-me  
nada com o desejo de mostrar erudição,  
falha para mim, principalmente em se tra-  
de materia de ordem technica especial.  
taste, sem duvida, tambem, que não me  
rei apologista nem antagonista do fuzil-  
lhadora Madsen.

sta-se de uma compra já realizada pelo go-  
, de uma arma que vai ser distribuida aos  
s corpos de tropa, não convindo por con-  
nica juizos pouco lisongeiros a respeito.  
em disso, o artigo que escrevi deve ser  
lo mais pela sua feição litteraria do que  
ca; — não o publiquei como membro da  
issão que acompanha as experiencias que  
sendo feitas com a arma referida.  
synthese, parece-me que estamos de com-

pleto acordo, menos quanto a um dos pon-  
tos capitais da tua amavel palestra.

Quando me referi à dureza do involucro da  
bala P. que concorre para a rapida usura das  
raias dos canos, tive menos em mente a pre-  
coce velhice da Madsen, do que a existencia  
dos nossos fuzis Mauser 908.

Como sabes, não temos fabricas de arma-  
mento de guerra; dependemos nesse particular  
servilmente da industria estrangeira; nossas fi-  
nanças não comportam a renovação de apre-  
stamento militar, à proporção das necessidades,  
como seria para desejar.

Por esses e outros motivos que não convem  
esmerilhar, devemos economizar o mais possi-  
vel o bom armamento que possuímos e dabi-  
a idea que me ocorreu de que a D. M. B.  
pudesse tomar a peito a modificação da du-  
reza da *camisa* da bala P., para que os nos-  
sos excellentes fuzis tivessem mais longa vida.

Na tua cerrada argumentação laboraste num  
pequeno equívoco que parece ter destruído com-  
pletamente esse meu modo de ver.

Disséste que a *camisa* da bala P. é de mail-  
leshort, pois tanto importa attribuir-lhe uma liga  
de 85 % de cobre e 15 % de nickel.

Si assim fosse, não se me apresentaria ao espi-  
rito a idea de modifical-a, em beneficio da exis-  
tencia das nossas armas de fogo portateis.

Conforme, porém, resa o nosso regulamento  
n.º 74, a *camisa* da bala P. é de aço cupro-  
nickelado, isto é, compõe-se de uma chapa de  
aço doce, revestida de ambos os lados de ca-  
madas de mailleshort com a composição que  
cita.

Eis porque, me parece, a Argentina alterando  
as proporções dessa liga, em quasi nada mo-  
dificou as condições de usura do raiamento.

Pois bem, é contra esse aço empregado para  
revestir a *camisa* da bala que meu espirito se  
revolta, naturalmente pelas ideas pacificas e eco-  
nómicas que nesse predominam.

Aço atritando aço comprehendes que é um  
esbanjamento.

Além disso, sob o ponto de vista da resisten-  
cia, para o trajecto do projectil e para a pre-  
cisão do tiro, ouso pensar, na minha igno-  
rância sobre o assumpto, não ser essa dureza  
uma necessidade absoluta. (\*)

Para a penetração sim, mas esta offerece pre-  
sentemente menos oportunidade para os pro-  
jectis de infantaria, que alias só devem ter  
em vista os alvos animados, directamente vi-  
sados.

Seu principal effeito era contra os escu-  
dos das peças de artilharia, mas a nova tactica  
dessa arma, que consiste em collocar as bocas de fogo à maior distancia possível do inimigo,  
parece ter annullado essa propriedade.

Além de que, como sabes, à proporção que a  
penetração dos projectis aumenta, as couraças  
também ampliam as suas condições de resistencia.

Numa das sessões do Jogo da Guerra, dadas  
pelo eminente chefe da missão francesa, Sr.  
general Gamelin, causou-nos surpresa ter esse  
experimentado cabo de guerra collocado a arti-  
lharia a mais de seis kilometros do inimigo.

(\*) Nas instruções regulamentares do Brasil de Repetição Mauser, 1895, existe a seguinte «Nota.—A Comissão Militar Brasileira que fez aquisição do armamento na Europa, pre-  
feriu, após experiencias que realizou, substituir a camisa de aço nickelado, usada na Alemanha, pela liga acima referida que deu sempre melhores resultados balísticos no nosso fuzil».

ndo o alcance efficaz das nossas bocas de campanha é inferior a essa distancia. que esse illustre general empregou, não a sa artilharia, mas sim, a franceza moderna, teremos de adoptar.

onge iria, amigo Siqueira, si pudessemos estrear à vontade.

As, como a ti, tambem me horrorisam as nações dos artigos do R. I. S. G., relativos transgressões disciplinares.

eremos, porém, occasião de palestrar de viva e então saberás o juizo que faço do novo parelhamento, com que vão ser dotados os seus corpos de tropa, para augmento da efficiencia dos seus fogos em combate.

Janeiro de 1920.

Cap. A. Miranda.

### instruções para o quartel-general de uma divisão de cavalaria

#### III

##### Nomeações para o quartel general

De cada uma das tres brigadas, um oficial de ordens: 3 off., 3 ordenanças, cavallos.

Do grupo a cavallo, um dito: 1 off., 1 ordenança, 3 cavallos.

Do grupo de metralhadoras, um dito: off., 1 ordenança, 2 cavallos.

Da secção de radiotelegraphia, um dito: off., 1 ordenança, 2 cavallos.

O cdte. da secção de signaleiros: 1 off., 1 ordenança, 3 cavallos.

Um automovel do mesmo: 2 homens, viatura.

Um oficial veterinario (para auxiliar 1 b): 1 off., 1 ordenança, 1 cavallo.

Um segundo sargento (para cdte. de secção, estacionador e serviços de 1.º sargento): 1 homem, 1 cavallo.

Dous clarins (para alarmes): 2 homens, cavallos.

Seis estafetas a cavallo (para reforçar a guarda do quartel general, sendo tres 4 d'elles praticos em cosinha, para preparo da alimentação dos officiaes do quartel general. Os tres homens existentes para guarda do quartel general são imprescindiveis para sentinella): 6 homens, seis cavallos.

Somma: 8 officiaes e funcionários, 19 sargentos e soldados, 29 cavallos, 1 automovel.

Para transporte da bagagem dos officiaes nomeados para completar o quartel general será necessário requisitar uma viatura.

10. RECAPITULAÇÃO do efectivo total do quartel general da D. Cav. mobili-

sada (vêr quadro do efectivo da formação de guerra).

Commandante da Divisão, 6 off., 21 praças, 28 cavallos, 3 viaturas. Escolta do quartel general: 1 off. cdte., 7 praças, 8 cavallos.

Funcionarios e um off. de saúde: 17 off., 34 praças, 42 cavallos, 3 viaturas, 3 automoveis de pessoas, 1 auto-caminhão rapido, 8 praças, 4 viaturas.

Pessoal complementar, nomeado segundo demonstração precedente, 8 off., 19 praças, 29 cavallos, 1 viatura.

Somma: 32 off., 89 praças, 107 cavallos, 17 viaturas.

#### IV

##### Calculo da quantidade diaria dos generos de alimentação para o quartel general

###### Para 121 homens :

	Kg.		
Pão.....	90,75	a	750
ou Biscoito (com ovo).....	48,40	a	400
ou Bolacha.....	60,50	a	500
Carne verde.....	43,375	a	375
ou de fumaça.....	24,2	a	200
ou de conserva.....	24,2	a	200
Arroz.....	15,125	a	125
ou cereáceas.....	30,250	a	250
ou legumes secos.....	72,60	a	60
ou conservas de legumes.....	18,150	a	150
ou batatas.....	181,500	a	1500
Sal.....	3,025	a	25
Café.....	3,025	a	25
Chá.....	0,365	a	3
Peso total.....	324,038	a	2678

###### Para 107 cavallos:

Grão.....	642 kg.	a	6
Feno.....	267	»	2,500
Peso total.....	909	»	8,500

#### V

##### Instruções para o cdte. do quartel general

###### Requisitos pessoais

Muito tacto, abnegação e energia

Tacto na conducta para com os officiaes e funcionários. As condições novas de serviço no quartel general muitas vezes não se casarão com os interesses dos senhores officiaes e funcionários do mesmo.

Abnegação no constante empenho pelo bem estar de todo o quartel general, que muito facilitará a realização dos serviços; ao mesmo tempo desistir de quer actividade militar em face do inimigo, fóra da esphera das atribuições.

Energia para disciplinar o pessoal militado de diversas procedencias: am-

(\*) Deve existir mesmo que algum dos elementos do efectivo completo não esteja permanentemente presente no quartel general.

uenses, ordenanças, bagageiros, soldados do trem, etc. É absolutamente necessário manter esse pessoal com rigor desde o começo. As maiores dificuldades em relação à disciplina provêm geralmente dos ordenanças e bagageiros que procuram geralmente acham guarida com seus oficiais quando cometem faltas. Ali é preciso grande tacto e firmeza, em bôas maneiras, para garantir a disciplina sem usar desgostos duradouros.

São subordinados ao cdte.: Todos os sargentos e soldados pertencentes ao quartel general ou no mesmo destacados, saber: — um 1.º sargento, 7 segundos, soldados do trem (inclusive 6 estafetas a cavalo e 10 chauffeurs).

Funcções: vd. determinações sobre os gastos do quartel general da divisão e distribuição do serviço (II c).

Alojamento e alimentação: para auxiliar serviço de estacionador emprega-se o sargento e uma parte dos 6 estafetas, esses 6 estafetas pelo menos 3 ou 4 devem saber cosinhar.

E' em primeira linha responsável pela manutenção o chefe do serviço de subsistência do quartel general; pôde um dos oficiais de ordens ser designado para auxiliar-o, como oficial de subsistência. E pôde também ser incumbido de fiscalizar o preparo das refeições.

Para a distribuição da forragem o sargento da guarda do quartel general terá atribuições respectivas.

Os três homens da guarda serão geralmente empregados como posto de sentinela junto às dependências do escriptorio de comando. Não se pôde contar com os para outra causa. Igualmente o ferramente não pôde fazer outro serviço. Se o quartel general estaciona isolado em uma localidade pôde ser necessário requisitar pessoal para guarda, da tropa mais próxima.

*Poder disciplinar do cdte.* Tem as atribuições de cdte. de esquadrão.

*Substituto do cdte.* — é o segundo auxílio (II b).

*Instrução para o serviço do cdte.* quartel general serão anexados os seguintes informes:

— Mappa de todo o pessoal do quartel general.

— Relação nominal dos oficiais e funcionários, inclusive addidos.

— Relação nominal de todas as praças.

— Número dos cavalos (quantidade) e

viaturas do quartel general, com a distribuição pelos oficiais e funcionários, etc.

5. — *Distribuição da bagagem dos oficiais e funcionários pelas viaturas, bem como da das praças não montadas.*

## VI

### Instrução para o cdte. do trem de estacionamento

*Cdte.: Capitão...*

A sua disposição 1 sargento e 2 soldados do trem.

*Funções:* Vd. a distribuição dos serviços do quartel general.

A collocação das viaturas no estacionamento é determinada ao chegar, mediante consulta ao cdte. do quartel general.

## VII

### Propostas sobre o emprego de correio de campanha

*Generalidades.* O correio de campanha da D. C. é subordinado executiva e disciplinarmente ao cdte. da D., em matéria de técnica postal ao director dos correios do exercito e ao Correio Nacional.

O correio de campanha encaminha correspondência particular e de serviço, cartões postais, remessas de dinheiro, jornais e pequenas encomendas.

A secção II a de acordo com 1 b despacha as questões de correio.

Em ordem do dia a tropa tem ciência da abertura do serviço de correio de campanha. Só para o quartel general tem lugar a entrega directa aos destinatários. A tropa recebe e entrega collectivamente a correspondência, quanto possível reunida por brigada, empregando como portadores praças munidas de atestado.

*Na zona de concentração:* estabelece-se o correio de campanha no quartel general da D., em ligação com a agencia do correio local.

*Durante as operações:* O correio de campanha é estabelecido junto ao trem de estacionamento, subordinado ao cdte. d'este. Em estacionamento fica junto ao quartel general.

A ligação mais conveniente com o correio do exercito, etc., tem lugar pelo emprego dos dous carros-correios. Depende das circunstâncias haver ligação diária ou só de 2 em 2 dias.

Os guias dos carros-correios devem perguntar antes de partir qual o ultimo estacionamento do quartel general da D.; para lá elles se dirigem com seu cargo e um

cyclista os acompanha d'ahi para o trem e estac. da D.

A chegada e a partida devem ser anun-  
cadas com tempo á secção II a.

Além dos 2 carros ainda ha para o  
transporte da correspondencia 2 estafetas  
postilhões a cavalo). Para lançar mão  
d'elles a secção II a faz uma requisição  
scripta ao director dos correios de cam-  
panha.

Pôde ser necessário fazer escoltar os  
carros-correios ou postilhões. O movi-  
mento postal deve ser principalmente faci-  
litado depois dos combates.

### VIII

#### Propostas para utilisação dos automoveis e cyclistas

O quartel general da D. C. dispõe de  
automoveis de pessoas e 1 auto-cami-  
nhão, subordinados á secção I b. Quanto  
a cyclistas ha na tropa: 6 em cada regi-  
mento, 2 no grupo a cavalo.

Os automoveis de pessoas servem em  
primeiro lugar para ligação com o cdo.  
superior do exercito — quando falhar a  
radiotelegraphia — e com as tropas visi-  
tivas. Excepcionalmente poderão ser em-  
pregados para transmissão de ordens a  
partes avançadas da D. C., ou para recon-  
hecimentos. Um ou dous d'elles seguem  
na marcha entre a vanguarda e o grosso,  
ou sucessivamente, escolhendo melhor  
estrada. Um d'elles segue no trem de  
estac. No estac. ha sempre um prompto  
a partir.

O auto-caminhão tem por fim principal-  
mente o reabastecimento de munição, ma-  
terial de saúde, medicamentos e combus-  
tível para os automoveis, caso se torne  
urgente o respectivo suprimento. Em  
casos extremos tambem será usado para  
buscar forragem.

Quando elle tem que funcionar deve  
ser aproveitado para correio.

Quando não empregado elle segue no  
trem de estac.

Os cyclistas ficam á disposição das tro-  
pas para serviços internos ou á do cdt. dos  
trens de estac. para escolta. Como não  
são trenados para percursos rápidos, não  
se pôde contar com elles para vencerem  
rapidamente grandes distâncias.

Em estacionamento podem ter vanta-  
joso emprego em postos de communica-  
ção, centros collectores, postos avançados  
e segurança de linhas telegraphicas.

### IX

#### Pontos a considerar na primeira orden do dia da divisão.

1. — Distribuição das localidades entre  
as brigadas para procura da subsistência.  
Outras unidades da D. estacionadas na  
zonas assim definidas ficam adstrictas  
a respectiva brigada para a alimentação.

2. — Obtendo-se acantonamento com ali-  
mentação pôde ser concedida a taxa ma-  
xima de indemnisação.

3. — Nomeações de officiaes, sargentos  
e praças simples, designação de cavalos  
para o quartel general e estafetas para  
secção de radiotelegraphia.

4. — Cada regimento pede uma ambu-  
lancia, prepara-a e manda-a para o tren-  
do estac.

5. — Indicação de pontos de reunião  
de doentes (data, situação, numero, tempo  
até quando os doentes devem chegar, ser-  
viço de saúde, eventualmente um carro  
de saúde, alojamento, tratamento, remoção).

6. — Communicação do estabelecimen-  
to (ou dos) armazens de campanha. Re-  
gularizar os recebimentos.

7. — Os emissarios das brigadas que  
vêm receber ordens trazem para o quartel  
general da D. a correspondencia postal  
que levam, mediante recibo, a que chegou.

8. — Começando as operações cada saca  
de forragem deve ser cheio de 2/3  
de ração, para que sempre haja alimento para  
os cavalos á noite, independente da che-  
gada do trem de estac. e para que assim  
os cavalleiros tenham descanso mais cedo.

9. — Petardos, bobinas de fio telephi-  
nico, tesouras corta-arame, serras articu-  
ladas, devem ser levados a cavalo des-  
de que pareça impossível em consequência  
de mau caminho, seguirem os trens  
pontes com o trem de combate (ordenar-  
se possível de vespere).

10. — Apresentação dos officiaes  
e subsistência das tropas no dia... ás  
horas, no quartel general da D., para con-  
ferenciarem com o intendente da D.,  
qual ficam subordinados.

11. — Prevenir contra saques ou re-  
gações desautorizados na zona de concen-  
tração. E' permitida a compra directa.

12. — Os cdos. das brigadas quando ne-  
stacionem com o da D. estabelecem di-  
riamente ligação telegraphica com es-  
pelo telegr. de cav. A secção de signa-  
ção cuida unicamente da ligação com  
órgãos do esclarecimento.

— Fazer saber o local de reunião de  
me da D. Preparar o alarme silencioso.  
— Fazer saber quais as brigadas  
tas que adiante da D. Cav. fazem o  
lício de segurança da fronteira. Indi-  
o approximada de suas posições.

— Os effectivos totaes (para alimen-  
to) e os de combatentes devem ser  
icipados pelas tropas e repartições á  
nos dias 1, 11 e 21 de cada mez,  
ando o modelo regulamentar. Identifi-  
camente logo após a chegada na zona de  
entraçā.

— Não referir na correspondencia  
cular questões concernentes ás ope-  
res.  
(Conclusão).

## DES DE TIRO DE METRALHADORAS

Do «Manual do Soldado de Metralhado-  
ras», de Friedrich von Merkatz. Trad. do 1º  
Tenente Maciel da Costa.

(Conclusão)

### 10. Tiro contra artilharia em posição

muito difícil que o fogo de frente, artilharia em posição de fogo, seja efficaz, e ella dispõe da protecção dos escudos, preciso atirar de frente contra artilharia, de se exactamente como no tiro contra me-  
doras. A's grandes distâncias o tiro é in-  
fero, ás distâncias proximas, ao contra-  
ndo ao fogo uma profundidade até 100 m, se contar com efficacia mediante a massa  
objectos lançados. Fogo com maior profun-  
didade acarreta excessivo consumo de munição.  
Segundo o fogo cruzado, pode-se em parte  
ir os serventes abrigados pelos escudos.  
tiro contra artilharia em posição, deve-se  
e procurar obter efficacia atirando de

tiro contra as viaturas attreladas da arti-  
procede-se exactamente como contra co-  
sas.

### — FUNÇÕES DO CHEFE DE METRALHADORA E DOS ATIRADORES

#### 1. — Pausas de fogo

metralhadoras só temporariamente tomam  
no combate pelo fogo propriamente dito,  
ão obstante se devem manter por muito  
debaixo do fogo inimigo, afim de pode-  
nterir sempre nos momentos decisivos.  
a metralhadora não tem escudo, os seus  
tes têm que saber arranjar depressa e  
segurança um abrigo mediante coberturas  
ra e devem ser especialmente instruidos  
para separação de tais coberturas. A melhor  
ura é a que é menos visivel, porque não  
o fogo inimigo, mas a cobertura deve  
a ser tão alta e resistente que possa abri-  
perfeitamente os atiradores do fogo de in-

tem tanta importancia o abrigo contra  
o de artilharia, porque este é tão gran-  
stâncias e contra um alvo tão pequeno  
o que oferece a metralhadora, pouco ou

mesmo nada acerta, principalmente se os ati-  
radores, abrigados completamente, estão subtra-  
hidos ás vistas.

A preparação de tais coberturas constituirá  
a ocupação principal dos atiradores nas pausas  
de fogo. Os atiradores 1, 4 e 5 é que devem  
fazer esses trabalhos. Os atiradores 2 e 3 se  
ocupam em pôr em ordem a metralhadora,  
limpal-a, lubrificá-la; examinam o bloco de sobre-  
salente, mudam o cano e completam a provisão  
de agua.

Deve-se sempre tratar de trazer nova munição  
e mais agua e mandar para a retaguarda as cai-  
xas vazias de munição, fitas, vasilhas d'agua, etc.

#### 2. — Deveres dos diversos atiradores

Chefe da metralhadora e apontador (atirador 2)

O serviço do chefe da metralhadora e do  
apontador consiste em cumprir os commandos  
feitos durante o tiro; isso os occupa inteira-  
mente, não lhes deixa nenhum tempo para outro  
trabalho. Todos os outros serviços na posição de  
fogo, como transmissão de ordens e signaes,  
etc., devem ser desempenhados pelos outros ati-  
radores.

Se a metralhadora é conduzida por partes  
separadas (Hombro conduzir, Nota do Trad.), o atirador 2 leva a metralhadora debaixo do  
braço ou no hombro; ao se deitar, coloca-a ao  
seu lado ou a conserva no braço. No avanço  
por lances, o chefe da metralhadora auxilia o  
transporte, segurando a perna anterior esquerda  
á voz «Mudar de posição!», e á voz «Por lance! — Arriba! — Marche-marche!» lança-se para  
a frente com os atiradores 2 e 3; o atirador  
3 segura a perna anterior direita e o 2 as  
extremidades das pernas posteriores. A' voz «Mu-  
dar de posição!» descarregue-se a metralhadora,  
as pernas são collocadas horizontalmente e guar-  
dam-se as fitas todas, se não se tiver de levar-  
as para as viaturas em virtude de ordem espe-  
cial. O chefe da metralhadora é responsável  
pelo material e deve cuidar que nada fique na  
posição que se vai deixar.

A metralhadora é em geral conduzida quer  
pelos atiradores 2 e 3 com auxilio da cinta de  
transporte, montada na padiola, quer separa-  
damente. Só é conduzida arrastada quando já  
no fim da approximação se manda «Em posi-  
ção rastejando!» e então sem a cinta. Os atira-  
dores 2 e 3 seguram de frente as pernas dian-  
teiras collocadas horizontalmente e arrastam a  
metralhadora para adiante, recuando.

O chefe da metralhadora, quando se carrega  
nova fita, pode elle mesmo fixar o freio de  
direcção, puxar a fita e soltar depois nova-  
mente o freio, para não se perder tempo.

#### Atirador 1

O atirador 1, logo no começo do tiro, enterra  
o tubo do vapor no chão e cobre-o com terra  
solta; humedece o solo para diminuir o desprendi-  
mento de vapor. Se o buraco escavado já  
não é sufficiente para esconder o desprendi-  
mento de vapor, o atirador 1 deve já ter cavado  
outro a tempo, ou então pode mergulhar o  
tubo em uma vasilha com agua.

Na continuación do combate o atirador 1 fica  
deitado atraç do apontador e do chefe da met-  
ralhadora, de maneira que possa tocal-os e com-  
unicar-lhes as ordens sobre o fogo de forma  
que sejam entendidas.

O atirador 1 é responsável pela transmissão

as ordens sobre o fogo ao chefe da metralhadora e apontador, de maneira que estes as entendam. Levantando a mão elle deve accusar o atirador 3, que está deitado junto ao comandante da secção, toda a ordem recebida.

#### Atirador 3

O atirador 3 durante o tiro chama a atenção do apontador quando chega a occasião de carregar nova fita, dizendo «A fita acabou!». Elle ajuda a passagem da fita de maneira que a metralhadora seja o mais possível aliviada desse trabalho. A fita deve correr perpendicularmente à direcção do tiro, pois do contrário as longas minas facilmente ficarão presas no alimentador. O atirador 3 não deve também manter a fita demasiado alta, e sim fazer a alimentação suavemente de baixo para cima.

Cumpre-lhe observar durante o tiro as lamas e endireitá-las a tempo quando estiverem tortas, assim como acertar os cartuchos que estiverem mal collocados na fita.

Depois de cerca de 1000 tiros, o atirador deve pôr água no refrigerante. Se o chefe da metralhadora não dê ordem para isso, o atirador 3 deve chamar a atenção dele. Tanto quanto possível, as duas metralhadoras de uma secção não devem encher d'água o refrigerante ao mesmo tempo. Quando se põe água, o atirador só deve abrir o orifício de carga depois que

o vapor tiver saído pelo respectivo tubo, e não houver mais, portanto, nenhuma pressão no refrigerante. Se elle desatarrachar o tampão rosado antes de tempo, ficará com o rosto respingado de água quente. Depois de sair o vapor, o contrario, a água não esguichará com tanta força que chegue a offendêr o atirador. A voz «Mudar de posição!», o atirador 3 retira a fita do alimentador e a coloca na caixa; depois, juntamente com o chefe da metralhadora, põe as pernas na horizontal e a voz «Por falso! — Arriba! — Marche-marche!» lança-se para frente segurando a perna direita. Se a metralhadora é transportada separada da padiola, elle conduz esta ultima às costas. É permitido transportar também de qualquer outra maneira.

#### Atirador 4

O atirador 4 é o homem de sobresalente. Elle logo corre para onde tenha sido ferido ou morto um atirador e o substitue no serviço. Além disso elle ajuda onde for preciso. Elle fica um pouco de parte, coberto quanto possível e deve observar com toda a atenção a sua metralhadora para ver quando e onde é preciso ajudar. Elle cuida ainda do remuniciamento e do suprimento d'água; empurra a tempo para o atirador 3 caixas cheias e recolhe as caixas vazias.

#### Atirador 5

Junto ao comandante da secção ficam dous atiradores n.º 5. Um observa constantemente o comandante da companhia e os homens que estão próximos dele. Elle transmite imediatamente ao comandante da secção qualquer sinal que diga respeito à sua secção e avisa ao comandante da companhia que o da secção recebeu e entendeu a ordem.

O outro atirador 5 transmite às suas duas metralhadoras as ordens do comandante da secção. O oficial grita para o atirador 5, que está deitado perto dele, as ordens e o atirador imediatamente por meio de signaes as trans-

mite. O oficial não pode ocupar-se com a execução das suas ordens, porque tem de estar observando com o binóculo e deve por isso ficar-se completamente nos seus atiradores. Os dous atiradores junto ao comandante da companhia

Estes transmittem todos os commandos e ordens às secções e são responsaveis pelo recebimento e exacta comprehensão dos signaes, etc., por parte delas. Elles devem participar ao comandante da companhia que uma determinada ordem foi recebida pela secção ou metralhadora a que se destinava.

#### Telemetrista

O atirador telemetrista observa antes e durante o combate o terreno em frente, mede as distâncias de morros e pontos do terreno e participa ao comandante da companhia as medições feitas. Convém muito que este atirador faça um rápido croquis com a indicação das distâncias medidas. Os objectivos que surgem devem ser imediatamente assignalados ao comandante da companhia e depois medida a sua distância.

Nas medições, de par com a rapidez, vem em primeira linha a exactidão e a segurança. Uma distância mal medida pode produzir o completo insucesso do tiro e é preferível, portanto, levar um pouco mais de tempo a fazer a medição e operar com mais exactidão.

Durante o fogo o atirador observa constantemente o objectivo, examina se nesse se produzem alterações, se o inimigo sofre perdas, se os pontos de chegada estão bem situados, etc. Todas as observações elle as comunica ao comandante da companhia. D'ahi se conclue que o telemetrista deve estar tão perto quanto possível do comandante da companhia.

#### Prescrições gerais

Todos os atiradores devem executar e compreender correctamente os signaes para a direcção do fogo. Para significar que entendem uma ordem, todo o atirador faz signal com a mão levantando-a um pouco.

#### 3. — Signaes para a direcção do fogo

Durante o fogo, para transmittir às metralhadoras as ordens necessárias à direcção do fogo é preciso empregar signaes, feitos com o braço porque com o estrondo das 6 metralhadoras a rando as vozes não são ouvidas, os trilos e apito não dominam o ruído e porque, além disso, a transmissão verbal das ordens por mensageiros não se pode realizar sob o fogo inimigo, pois em primeiro lugar o movimento em linha denunciaria a posição ao inimigo, e em segundo lugar homens meio levantados estariam muito expostos.

Os signaes são os seguintes:

1. — Apontar com o braço e indicador estendidos para uma secção ou metralhadora, significa que o signal que se vai fazer em seguida é dirigido para essa secção ou metralhadora.

2. — «50!» — Ante-braço para cima em ângulo recto com o braço; mão aberta com os dedos separados.

3. — «100!» — Repetir o signal anterior, preferencia com o outro braço.

4. — «Mais alto!» «Mais curto!» — Movimento energico para cima, ou para baixo, do braço estendido na direcção da secção ou metralhadora quem se dirige o signal.

5. — «Mais à direita!» «Mais à esquerda!» Apontar para a metralhadora que deve exer-

a ordem e movimento energico do braço para direita ou esquerda.

— «Fogo com mais profundidade!» — Repete os giros do punho fechado.

— «Cessar fogo!» — Levantar o braço estendido como prevenção. Para execução, baixar energicamente o braço.

— «Cruzar fogo!» — Para indicar as duas metralhadoras ou secções que devem cruzar o fogo, apontar para elas com o braço e indicador estendidos; cruzar em seguida os ante-braços na parte do peito, com as mãos estendidas.

— «Bater o mesmo sector!» — Apontar com braço e indicador estendidos para uma secção metralhadora e depois com a mão indicar a secção ou metralhadora, significando que esta deve ajudar a primeira batendo o mesmo sector.

— «1 volta!» — Mostrar 1 dedo e depois punho fechado, girando este.

— «2 voltas!» — Mostrar 2 dedos e depois punho fechado, girando este.

— «Entendido!» — Breve signal com a mão estendida.

Para o chefe da metralhadora todos estes sinais são ordens que devem ser executadas, se já por iniciativa própria não tomou as mesmas correspondentes. Para o commandante de seção, ao contrário, só o signal «Cruzar fogo!» é uma ordem, que deve ser executada imediatamente. Todos os outros signaes, do commandante de companhia para o da secção, durante o tempo em que não são mais do que indicações, significando as, para o commandante da secção, o que a companhia observou e o que elle aconselha á secção. Pelo seu lado, o commandante de secção do ponto em que está pode julgar imediatamente se os seus dous feixes estão dirigidos ou não; elle deve conservar a sua iniciativa e por isso é que os commandantes de seções, em cada caso particular, devem julgar por si mesmos se convém ou não obedecer ao signal. Por exemplo: um commandante de seção observa que os seus feixes estão muito curtos e faz signal aos seus chefes de metralhadora «mais curto!». Ao mesmo tempo chega o signal do commandante da companhia «mais longo!». Se o commandante da secção obedecer ao signal, os feixes tornar-se-ão então devidamente curtos. Em cada caso, portanto, é de deixar ao commandante da secção decidir.

is á margem

### Ao R. T. A.

nz o art. 29 que em condições favoráveis se pôde contar com efeito incendiário de qualquer dos projectis, e escusar-nos nesse artigo, sempre que pretendemos obter efeitos d'essa natureza, regariamnos de preferencia a gr., economizando o sh., por nos parecer que nunca será de mais para atirar contra fanaria; errariamnos, porém, como se entendesse da leitura do art. 480 do R. T. A., in-fine; mas é evidente que as afirmações dos dois artigos cita-

dos ha uma ligeira contradição que convém corrigir (1).

O art. 60 nos diz o que seja um tiro junto ao alvo e, à vista do art. 59, para que tal observação possa ser feita é necessário em geral que tenha havido arrebentamento por percussão, ou tão baixos que se possa referir ao objectivo a nuvem de fumo no momento da sua produção (arrebentamentos observaveis): em geral, diz o art. 59, e isso porque pôde haver exceção, como por exemplo ás pequenas distâncias, em que quasi sempre são observaveis arrebentamentos de altura normal e muitas vezes até os altos.

Podendo, pois, observar-se um tiro junto ao objectivo com arrebentamento em percussão ou em tempo, a annotação j não deveria servir apenas para registrar a observação quando o arrebentamento fosse em tempo; deveria sim, servir o j para annotação de tiro percutente junto ao alvo, e quando no tiro junto ao alvo o arrebentamento fosse em tempo, conviria fosse a observação registrada em forma de fração com traço obliquo: no numerador j, no denominador a observação sobre a altura de arrebentamento que em geral seria b e excepcionalmente n (2). E não conviria que, por querer simplificar, se adoptasse a annotação j, simplesmente, para registrar indiferentemente os tiros percutentes ou em tempo observados junto ao alvo, e isso porque em muitos casos, pela leitura apenas do boletim não se poderia julgar da condução do tiro. Assim, em tiro de tempo, si o edte. da bateria tivesse obtido com o corrector do garfo um tiro junto ao alvo, andaria bem entrando no tiro de eficacia de acordo com o art. 107, mas si o tiro observado junto ao alvo tivesse arrebentado em percussão, andaria então mal o capitão entrando na eficacia, visto lhe faltar determinar o corrector para dar por terminada a regulação do tiro: por ahi se vê que com um simples j não se pôde julgar da condução do tiro (3).

Objectar-nos-ão que existe para o caso de tiros percutentes a annotação p+ ou p- que pôde servir para registrar a observação de tiro percutente junto ao

(1) N. da R. — Tem razão, evidentemente.

(2) N. da R. — Não ha dúvida que seria uma solução. Mas a do R. T. tambem o é.

(3) N. da R. — Pôde-se. Porque pelo R. T. A. a notação j indica arrebentamento no ar.

4); quer-nos parecer, entretanto, que a annotation não é bastante expressiva o caso, além de que pode ter outra indicação.

É um tiro  $p+$  ou  $p-$ ? O R. T. A. explica, mas pode-se chegar a uma susão pela leitura do art. 107, e essa susão é a de que tiro  $p+$  ou  $p-$  quelle cuja distância ao objectivo é menor do que o garfo que se pretenda mar (5). E assim, si na determinação da em tiro percutente se observar tiro  $p+$  ou  $p-$ , isso significa que o rebentamento se deu a menos de 50 cm do objectivo, aquem ou além, mas não ter sido observado junto ao alvo. Vista do art. 107 quer-nos parecer em, que não ha razão para que a annotation  $p+$  ou  $p-$  seja reservada apenas para o tiro em percussão, como a o R. T. A. (6)

Capitão Gerpe.

M. da R. — O tiro percutente que der enuvem primeiro na frente (atraz) do objectivo e logo depois atraç (na frente) será ro no objectivo, annotation — N. da R. — Deve-se deprehender do R. T. que tiro pouco longo ou pouco curto é aquele que rebenta a uma distância que justifique uma ação de alça menos forte do que de rebenta contrário do que conclue o autor do inante estudo: distância pouco maior que a deza do garfo procurado.

não fosse assim ob boletins de tiro te que vir cheios de  $p+$  e  $p-$ , porque annotation teria que ser sempre applicadairos que dessem o garfo.

caso do art. 107, 2.a parte, é uma ex- o, e por isso vem explicado entre pa- ses: pouco aquem, distância de arreb. me que o garfo. Aliás se uma distância pouco que o garfo é classificada  $p+$  ( $p-$ ) mais forte razão assim o deve ser a que pouco menor que o garfo.

mais o nosso distinto amigo e illustre ante na collaboração muito desejada sabe o bem dos tiros reaes quanto é enganoso r numa regulação a distância de um tiro o menor que a grandeza do garfo. Quanta ção desperdiçada se houvesse essa regra!

N. da R. — Tem razão.

## Alamentos militares

última hora somos informados que de uma reunião realizada entre o Marechal Bento Tro, Chefe do E. M. E. e o General M. Melin, Chefe da M. M. F., resultou a nomeação de comissões, compostas de officiaes franceses e azeiros, para completar e rever os nossos alamentos táticos e organizar instruções cias.

os regulamentos projectados só serão applicados as escolas, as quais vão receber novo material. A tropa aguardará oportunidade empregalos.

## Alteração na redactoria

O Sr. major Lima e Silva, um dos mantenedores fundadores da revista e que desde Outubro ultimo ocupava pela segunda vez um lugar entre os redactores effectivos, deu sua exoneração, com grande pesar para seus companheiros da redactoria.

Motivou essa resolução a impossibilidade de harmonizar elle seu muito affazer na tropa com os serviços avolumados e crescentes da revista, que pelos estatutos cabem aos redactores.

Seu substituto previsto, capitão Euclides de Oliveira Figueiredo, assumiu o lugar. — *Klinger*

## Bibliographia

Recebemos as seguintes publicações:

*Patria*, orgão do círculo dos Officiaes Recuados do Exercito e da Armada, n.ºs 6 e 7

*Do sumário*: Pela Garantia do Soldado Benjamin Constant — Commando em Chefe do Exercito contra o Díctador do Paraguai — Planalto da Guayana — Historia Militar do Brazil.

*Revista dos Militares*, n.ºs 111 e 112 de Setembro e Outubro de 1919. — *Do sumário*: Orçamento do M. G. — Nossas fronteiras propriedade de estrangeiros — A nossa cavalaria no Paraguai — Notas sobre a inf.º alemã — O tempo de serviço — A crise de sargentos — A tática das metralhadoras — Noções de higiene.

*Hoje*, Rio, n.ºs 43 a 46.

*Do sumário*: O capital, empreiteiro de gastos — A nova consciência fiscal do paiz — audacia reformadora do Governo de Minas — Um doutrinador da Republica — O Rio Grande do Sul, sentinelha da democracia tributaria, o sagrava o ministro da Fazenda — Lorena, ponto de baldeação política entre S. Paulo e Belo Horizonte... — A evolução ferro-viaria do Brasil, paralela à evolução económica — Um apóstol da paz.

*Memorial de Infantaria*, Madrid, n.º 95, de Dezembro de 1919.

*Revista Marítima Brasileira* — Rio, n.ºs 5 e 6 de Nov. e Dez. de 1919.

*Do sumário*: Guerra da Secessão — Que perdemos o domínio marítimo — Observações sobre a estratégia Naval da «Grand Fleet» — Radiogoniometria — Principais portos do mundo — Navegação interlitorânea da baía de Guanabara.

*Memorial del Estado Mayor del Ejército Colombia*, Bogotá, n.º 88, de Out. de 1919. — Campanha del Sur del General don Antonio Nariño, 1813-1814.

*Medicina Militar*, Rio, n.º 5, de Nov. de 1919.

*Do sumário*: Directrizes para a organização d'um serviço de saúde em campanha.

*Memorial del Ejército de Chile*, Santiago, Chile, Janeiro de 1920.

*Do sumário*: Fortificaciones — Crítica da batalha de Pazo Almonte — Fotografia aérea e objecto de los cursos militares de juntas.

— La utilización de los rayos infra-rojos en radiotelegrafía — Aviación.

*Boletim do Directorio Central da Liga de Defesa Nacional*, n.º 6, de Dezembro de 1919.